

DIÁLOGO GLOBAL ^{4.3}

4 edições por ano em 13 idiomas

Sociologia como
vocaçãõ

Zsuzsa Ferge,
Melvin Kohn

XVIII Congresso
Mundial da ISA

Margaret Abraham,
Vladimir Ilin,
Michael Burawoy

O *Self*
terceirizado

Arlie Hochschild
entrevistada por Madalena
d'Oliveira-Martins,
Amrita Pande e
Ditte Maria Bjerg

A sociologia
francesa hoje

Bruno Cousin e
Didier Demazière,
Christine Musselin,
Frédéric Lebaron,
Frédéric Neyrat,
Romain Pudal

- > Sociologia e mudança climática
- > Mineração e comunidades indígenas no Peru
- > Sociologia tcheca sob internacionalização
- > Sociologia precária na República Tcheca
- > A equipe árabe da *Diálogo Global*

NEWSLETTER



International
Sociological
Association



VOLUME 4 / EDIÇÃO 3 / SETEMBRO 2014
<http://isa-global-dialogue.net>

DG



> Editorial

A ISA vai de vento em popa

Este verão marcou o 18º Congresso Mundial da Associação Internacional de Sociologia, realizada em Yokohama, de 13 a 19 de julho. Meticulosamente organizado pelo Comitê Organizador Local Japonês, em colaboração com a Secretaria da ISA, 6.087 inscritos reuniram-se em função do maior evento da história da associação. A grande dimensão do Congresso, com mais de 1100 sessões separadas, levou alguns a se perguntarem se a ISA estava, talvez, ficando muito grande, problema destacado pelo sociólogo russo, Vladimir Ilin, em seu relatório para a *Diálogo Global*. Em Yokohama, o novo Comitê Executivo foi eleito com Margaret Abraham na direção. Nesta edição da *Diálogo Global*, ela revela sua emocionante agenda destacando a contribuição da sociologia para a justiça social, com foco especial para a violência de gênero.

Nesta edição, publicamos cinco artigos sobre o estado da sociologia francesa. Eles sublinham sua força contínua em ambas as esferas públicas e políticas. Ao mesmo tempo, os autores discutem a burocratização e especialização da pesquisa, a profissionalização por intermédio da expansão da revisão por pares, a crescente pressão para publicar em inglês, bem como a falta de emprego estável. A França oferece um contraste interessante com a sociologia Tcheca, assunto de mais dois artigos, onde as pressões para a internacionalização e orientação para a sociologia ocidental enfrenta contrapressões de prestação de contas para as questões locais. Esta tensão é intensamente sentida nos países semi-periféricos, dos quais se espera uma orientação voltada para os centros metropolitanos de pesquisa.

Esta edição da *Diálogo Global* abre com dois gigantes da sociologia escrevendo sobre a "Sociologia como vocação" a partir do ponto de vista de suas próprias carreiras. Zsuzsa Ferge reflete sobre sua história de contestação, primeiro, do antigo regime húngaro do socialismo de Estado e, em seguida, do novo regime que lhe sucedeu, contestação elaborada a partir do ponto de vista dos pobres e marginalizados; enquanto Melvin Kohn descreve a história de sua pesquisa transnacional pioneira acerca da personalidade e da estrutura social. Apresentamos, também, uma entrevista com Arlie Hochschild, outra pioneira, dessa vez do trabalho emocional e da mercantilização dos sentimentos e, seguindo o mesmo tema, Amrita Pande e Ditte Bjerg, que descrevem o desempenho teatral de barrega de aluguel, tema da pesquisa de Pande, na Índia. Aclamada em toda a Europa, a pesquisa deles, de fato, é uma nova forma de se fazer sociologia pública!

Escrevo este editorial da Suécia, onde a Associação Nórdica de Sociologia irá realizar sua reunião semestral. Multidões de jovens sociólogos se reuniram aqui em Lund para discutir as questões mais prementes, como o declínio do Estado social escandinavo e os desafios colocados pelas sucessivas ondas de imigração. A Escandinávia, particularmente a Suécia, aceitou muitas dessas pessoas, que fugiam das zonas de guerra do mundo; mas, como as investigações mostram, a assimilação tem sido frustrada por discriminação no acesso ao bem-estar, à educação e aos empregos. A missão humanitária tem seu lado fraco, que os sociólogos têm sido rápidos em revelá-la.

> **A *Diálogo Global* pode ser encontrada em 13 idiomas no [website da ISA](#)**

> **Submissões devem ser enviadas para burawoy@berkeley.edu**



Zsuzsa Ferge, renomada analista política e crítica húngara, relembra como se sentiu ao migrar da sociologia para as ciências econômicas que não eram capazes de lidar com questões de desigualdade e pobreza.



Melvin Kohn, distinto sociólogo norte-americano, descreve sua visão sobre estrutura social e personalidade que o levou a colaborações extra-nacionais.



Margaret Abraham, recém-eleita Presidente da ISA, apresenta seus planos para fortalecer o compromisso da sociologia com a justiça social, com atenção especial à violência de gênero.



A *Diálogo Global* é possível graças à generosa contribuição da SAGE Publications.

> Editorial

Editor: Michael Burawoy.

Editor Associado: Gay Seidman.

Editores Executivos: Lola Busuttil, August Bagà.

Conselho Editorial:

Margaret Abraham, Markus Schulz, Sari Hanafi, Vineeta Sinha, Benjamin Tejerina, Rosemary Barbaret, Izabela Barlinska, Dilek Cindoğlu, Filomin Gutierrez, John Holmwood, Guillermina Jasso, Kalpana Kannabiran, Marina Kurkchyan, Simon Mapadimeng, Abdul-mumin Sa'ad, Ayse Saktanber, Celi Scalón, Sawako Shirahase, Grazyna Skapska, Evangelia Tastsoglou, Chin-Chun Yi, Elena Zdravomyslova.

Editores Regionais

Mundo Árabe:

Sari Hanafi, Mounir Saidani.

Brasil:

Gustavo Taniguti, Andreza Galli, Renata Barreto Preturlan, Ângelo Martins Júnior, Lucas Amaral, Rafael de Souza, Benno Alves.

Colômbia:

María José Álvarez Rivadulla, Sebastián Villamizar Santamaría, Andrés Castro Araújo, Katherine Gaitán Santamaría.

Índia:

Ishwar Modi, Rajiv Gupta, Rashmi Jain, Jyoti Sidana, Ritu Saraswat, Nidhi Bansal, Uday Singh.

Irã:

Reyhaneh Javadi, Najmeh Taheri, Saghar Bozorgi, Hamidreza Rafatnejad, Abdolkarim Bastani, Tara Asgari Laleh, Faezeh Khajezadeh.

Polônia

Krzysztof Gubański, Kinga Jakiela, Kamil Lipiński, Przemysław Marcowski, Mikołaj Mierzejewski, Karolina Mikołajewska, Adam Müller, Patrycja Pendrakowska, Zofia Penza.

Romênia:

Cosima Rughiniş, Ileana-Cinziana Surdu, Telegdy Balazs, Adriana Bondor, Ramona Cantaragiu, Miriam Cihodariu, Mihai Bogdan Marian, Alina Stan, Elena Tudor, Cristian Constantin Vereş.

Rússia:

Elena Zdravomyslova, Anna Kadnikova, Asja Voronkova.

Taiwan:

Jing-Mao Ho.

Turquia:

Yonca Odabas, Günnur Ertong Attar, İlker Uurlu, Zeynep Tekin Babuç, Hüseyin Odabaş.

Consultores de mídia: Gustavo Taniguti, José Reguera.

Consultora Editorial: Ana Villarreal.

> Nesta Edição

Editorial: A ISA vai de vento em popa **2**

Sociologia como vocação – socióloga por deserção
por Zsuzsa Ferge, Hungria **4**

Sociologia como vocação – A vida como colaborador transnacional
por Melvin L. Kohn, EUA **6**

> XVIII CONGRESSO DA ISA

Fortalecendo o compromisso da sociologia com a justiça social
por Margaret Abraham, EUA **9**

Reflexões sobre Yokohama
por Vladimir Ilin, Rússia **12**

Immanuel Wallerstein recebe o Prêmio de Excelência da ISA
por Michael Burawoy, EUA **15**

> O SELF TERCEIRIZADO

Trabalho emocional ao redor do Mundo: Uma Entrevista com Arlie Hochschild
por Madalena d'Oliveira-Martins, Espanha **16**

Made in India: Notas de uma fazenda de bebês
por Amrita Pande, South Africa e Ditte Maria Bjerg, Dinamarca **19**

> A SOCIOLOGIA FRANCESA HOJE

A sociologia francesa na virada do século XXI
por Bruno Cousin e Didier Demazière, França **22**

Carreiras acadêmicas em desaparecimento
por Christine Musselin, França **24**

Availando a pesquisa social
por Frédéric Lebaron, França **26**

A mudança da profissão de sociólogo na França
por Frédéric Neyrat, França **28**

Por que não há um “protocolo de seres humanos”?
por Romain Pudal, França **30**

> ENFRENTANDO O MEIO AMBIENTE

Onde está a sociologia? Mudanças ambientais e as ciências sociais
por Stewart Lockie, Austrália **32**

Cobre, água e terra: Mineração em Piedra Alta, Peru
por Sandra Portocarrero, Peru **35**

> OS DESAFIOS PARA A SOCIOLOGIA TCHECA

Internacionalização e cultura avaliativa: o caso da sociologia tcheca
por Martin Hájek, República Tcheca **37**

A precariedade da sociologia: notas de terras tchecas
por Filip Vostal, República Tcheca **39**

A equipe árabe da *Diálogo Global*
por Mounir Saidani, Tunísia **41**



> Socióloga por deserção

por **Zsuzsa Ferge**, Universidade de Eötvös Loránd, Hungria



| Zsuzsa Ferge.

Tornei-me uma estatística social simplesmente para ganhar a vida enquanto estudava economia no início dos anos 1950. Fui designada para trabalhar em estatísticas de orçamento familiar. O trabalho envolvia visitar famílias que viviam em todo o país e o processamento à mão de registros mensais sobre o quanto as pessoas ganhavam, como ganhavam, o que comiam e o que compravam para seus filhos. Essa experiência se mostrou imensamente mais interessante do que a economia, marxista ou não. Então, eu desertei da economia por algo que era mais próximo às pessoas e à sociedade.

Comecei a analisar os dados das famílias, e logo descobri que os números podem ajudar a tornar público, de maneira não-ideológica (apolítica), o contraste ou o conflito entre a ideologia oficial sobre a igualdade e a realidade da vida cotidiana. O então presidente do Serviço de Estatística da Hungria era flexível o suficiente - e, embora seja difícil de acreditar agora, independente o suficiente - para autorizar, depois de 1956, uma ampla pesquisa (20.000 famílias) sobre vários aspectos da "estratificação social" (as palavras tinham, então, uma enorme importância simbólica para a política. "Estratificação social" era uma expressão legítima, enquanto que, com exceção da ideologia oficial disparatada, "classe social" não era. Poderíamos estudar pessoas com baixa renda, mas não poderíamos mencionar a pobreza. As estatísticas sociais poderiam ser feitas de forma legítima, ao passo que a sociologia era um anátema até a década de 1960).

O relatório sobre a estratificação social caracterizou vários grupos "socioeconômicos" e descreveu a situação de pessoas de "baixa renda". A teoria subjacente implícita sugeria que as interconexões entre a distribuição desigual de poder, conhecimento e propriedade (nessa ordem) sustentaram a formação dos grupos estruturalmente importantes.

As desigualdades sociais mantiveram-se no centro de tudo que tenho feito desde então. Depois de ter mapeado (pelo menos até certo ponto) os fatos estatísticos, muitas dúvidas



Por mais de 50 anos, **Zsuzsa Ferge** tem mantido uma posição de liderança entre os sociólogos e estatísticos sociais da Hungria. Quer sob o socialismo de Estado ou sob o capitalismo que se seguiu, Ferge sempre persistiu na pesquisa sobre os padrões de desigualdade, pobreza e marginalidade, escrevendo mais de quinze livros e centenas de artigos. Uma das acadêmicas mais proeminentes da Hungria, ela também tem sido uma crítica inveterada e determinada defensora das políticas sociais. Ela fundou o primeiro departamento de política social na Hungria em 1989, na Universidade Eötvös Loránd (ELTE) em Budapeste. Até ser dissolvido em 2011, dirigiu o grupo fazendo pesquisa e liderando a implementação local do Programa Nacional contra a Pobreza Infantil, localizado na Academia de Ciências da Hungria. Ela foi reconhecida com numerosas medalhas, prêmios e títulos honoríficos na Hungria e no exterior.

surgiram. Desde o início, a minha pergunta principal era qual a forma de reduzir as desigualdades que determinavam o destino das crianças desde o nascimento. No Instituto de Sociologia da Academia Húngara de Ciências, fundado em 1963, aprendemos que a escola é um possível mecanismo para equalizar as chances das crianças. Estes estudos, embora intimamente relacionados à nossa pesquisa anterior, foram profundamente influenciados pelo “zeitgeist” dos tempos e, particularmente, pela obra de Pierre Bourdieu; em toda a Europa, os cientistas sociais esperavam que a educação pudesse ajudar a reduzir as desigualdades. Assim, a partir do final dos anos 1960, nossos estudos cobriram escolas primárias, secundárias e profissionais, os resultados escolares e as carreiras escolares das crianças, bem como a situação e a opinião dos professores. Mas essas esperanças se mostraram totalmente infundadas: nossos estudos mostraram que, embora a estrutura da escola houvesse mudado, as escolas continuavam a funcionar como os agentes mais importantes na legitimação da transmissão social da falta de poder e da pobreza.

Nossas perguntas continuaram na mesma linha. Haveria alguma ação que poderia mudar as tendências sociais? O próximo objeto óbvio da pesquisa foi o Estado ou, mais exatamente, as atividades estatais que poderiam influenciar as desigualdades estruturais, entre elas, a política social e de redistribuição. Assim, desde o início de 1970, começamos a explorar a política social húngara. Em 1966, tive a sorte de participar do Congresso Mundial de Sociologia, onde conheci os fundadores do que mais tarde se tornaria o Comitê de Pesquisa de Pobreza, Bem-Estar Social e Política Social da ISA - Herbert Gans, Peter Townsend, Henning Friis, S.M. Miller e muitos outros. Essas amizades abriram a porta para o trabalho de Richard Titmuss, para o mundo da pesquisa sobre pobreza e para os estudos das políticas sociais.

Continuamos a estudar empírica e historicamente mudanças estruturais e pobreza, e começamos a examinar a política social húngara. Combinando nossa abordagem sociológica à estrutura social e à política social (Britânica), no sentido estrito da palavra, logo chegamos ao conceito de política societal, ligando o estudo da política social à análise mais ampla de mudança estrutural. Em 1985, com o apoio do Departamento de Sociologia da Universidade Eötvös Loránd, introduzimos um curso em política social - apesar de ter sido chamado de “sociologia histórica”, porque a política social ainda não era reconhecida como um objeto próprio do saber.

O Departamento de Política Social e Serviço Social foi criado em 1989, na véspera da mudança sistêmica na Hungria. No novo capitalismo, as mesmas forças moldaram a estrutura social, mas a sua ordem de importância, como tentei mostrar mais tarde, havia mudado. A propriedade e o poder tornaram-se muito importantes, o papel do conhecimento tinha diminuído um pouco, e a sua relação com o mercado de trabalho (acesso ao emprego, a estabilidade ou

a precariedade dos empregos) tornaram-se tão importantes quanto as três primeiras forças estruturantes. Eu tentei, mas fui apenas parcialmente bem-sucedida, incorporar em meu quadro conceitual de mudança estrutural os conceitos de Bourdieu de “capital social” e habitus, bem como a atividade dos agentes. As conexões sociais e pessoais parecem ser cada vez mais importantes, e talvez não apenas na Hungria de hoje, na formação e alteração da distribuição de outros capitais. Na Hungria, a desigualdade, a pobreza, particularmente a pobreza infantil, e especialmente a profunda pobreza infantil, têm aumentado desde a crise financeira global de 2008.

Após minha aposentadoria, continuei a trabalhar com pobreza infantil e, juntamente com um grupo de colegas, elaborei um Programa Nacional de Combate à Pobreza Infantil 2007-2032. Esse plano foi aprovado pelo Parlamento da Hungria em meados de 2008 e foi implementado com algum sucesso em uma microrregião pobre, antes do grupo se dissolver em 2011. Uma versão modesta do Programa Nacional sobreviveu, mas é geralmente negligenciado nos debates políticos húngaros. Desde 2010, a política do governo teve, de maneira deliberada, um viés político anti-pobre e pró-classe média, colorido por traços “anti-criança”. A tributação progressiva foi substituída por um imposto fixo, a assistência social reduzida e condicionada, a idade mínima da responsabilização criminal baixou dos 14 para os 12 anos, a idade de atendimento escolar obrigatória foi de 18 para 16, e assim por diante.

Assim, embora eu sendo uma crítica social do socialismo de Estado desigual (ou como você queira chamar, exceto “comunismo”, que seria um total, embora generalizado, equívoco), continuei, com os mesmos valores acerca da tríade do Iluminismo, como uma crítica do admirável mundo novo de hoje. Foi somente após a morte do antigo sistema que me dei conta de que, ao lado do estudo das desigualdades, temos também tem que prestar atenção à redução das enormes desigualdades pré-guerra. Quais foram a amplitude, o preço e as consequências de curto e longo prazo da redução efetiva das desigualdades de rendimento, patrimônio e, em alguma medida, de conhecimento? Sem responder a estas perguntas é difícil explicar os acontecimentos desde que o sistema político e econômico mudou. (Deixemos isto sem resposta aqui).

Nas últimas décadas, tentei combinar a pesquisa, o ensino e o trabalho de campo com um maior envolvimento na “sociedade civil”, uma vez que estou cada vez mais convencida que sem uma sociedade civil forte, tanto o Estado quanto o mercado serão desnoroados. Essa convicção é firmemente apoiada pela realidade atual -, mas a sociedade civil húngara ainda é muito fraca para ser uma questão para essas forças maiores. ■

Correspondências devem ser enviadas para: <fergesp@t-online.hu>

> A vida como um colaborador transnacional

por **Melvin L. Kohn**, Universidade Johns Hopkins University, EUA, membro do Comitê Executivo da ISA, 1982-1990



Melvin Kohn.

6

Melvin Kohn tem sido um pioneiro no estudo da relação entre estrutura social e personalidade. Ele é mais conhecido por seu clássico, *Class and Conformity* (1969 e ampliado em 1977), que documenta a estreita relação entre classe e personalidade. Com base na análise minuciosa dos dados de pesquisa, ele descobriu uma ligação notável entre a autonomia no trabalho (liberdade de supervisão, complexidade das tarefas e variedade de trabalhos) e o grau de direcionamento interno. Por outro lado, as ocupações que envolvem rotina, que são penosas e monótonas, levam à conformidade no comportamento das pessoas. Em uma elaborada análise de coorte, ele mostra como a relação funciona nos dois sentidos, em que as pessoas com personalidade ativa buscam tipos de trabalho correspondentes, bem como são moldadas por esse trabalho. Ele mostra como a personalidade afeta muitas áreas da

vida, inclusive padrões de parentalidade e de transmissão intergeracional de comportamentos. Para descobrir quão robustas eram essas relações, Kohn se tornou um praticante inveterado e um militante das comparações internacionais, especialmente entre os países capitalistas e socialistas, e em seguida, das comparações entre os países submetidos a mudanças sociais dramáticas. Seus vários livros e artigos têm seguido e ampliado este programa de pesquisa. Kohn tem sido amplamente condecorado por suas pesquisas, tendo sido eleito para a Academia Americana de Artes e Ciências e presidente da Associação Sociológica Americana. Ele tornou-se um entusiasta da ISA, participando de seu Comitê Executivo (1982-1990), usando sua influência ali para fomentar os laços e colaborações internacionais.



Depois de mais de seis décadas como um sociólogo empírico, eu acho que o que principalmente me diferencia dos meus colegas é um profundo, mesmo absorto, engajamento em pesquisa colaborativa, especialmente durante as quatro décadas em que fui um autêntico transnacionalista. A explicação é simples. Eu tenho uma queda por fazer perguntas empíricas sobre problemas teóricos, especialmente sobre generalizações transnacionais. Eram nossas descobertas fascinantes sobre a relação entre a estrutura social e personalidade nos Estados Unidos igualmente verdadeiras nas democracias da Europa Ocidental? Se sim, e nos países comunistas da Europa Oriental? Se for verdade para a União Soviética, como é para a China? Outro país, outra língua e cultura. Mas eu me considero alfabetizados apenas em inglês e um pouco em alemão. Solução? Colaboradores bilíngues.

Aconteceu por acidente. Um estudo de pós-doutorado sobre a esquizofrenia em Maryland se expandiu para um estudo sobre estrutura social e personalidade em Washington, D.C. Um artigo especulativo sobre esse estudo incitou meu colega, Carmi Schooler, a insistir que tínhamos de testar minhas alegações estudando trabalhadores em ocupações civis nos Estados Unidos. Essa foi a primeira vez que provei de uma verdadeira colaboração, e foi tremendamente excitante; nunca duas mentes se complementaram tão completamente uma à outra.

Mas ainda não era transnacional. Experimentei o gosto da colaboração transnacional trabalhando com Leonard Pearlman em Turim, na Itália, comparando, e ampliando, minhas descobertas em Washington, D.C. Não verdadeiramente colaborativa - com exceção de uma parte crucial, sobre a relação consistente da classe social dos pais (grosseiramente medida) e a valorização dos pais acerca do "auto-direcionamento" - mas verdadeiramente transnacional.

Então veio a descoberta real. Włodzimierz Wesolowski, um proeminente sociólogo marxista da Polônia, convidou-me para dar algumas palestras. Fui de bom grado, aproveitei cada momento de uma estadia de uma semana, e então Wesolowski (sob um retrato de Karl Marx), propôs replicar meus estudos dos EUA. O estudo polonês seria deles: eles iriam pagar por isso; seriam donos dos dados; fariam as perguntas. Seu pupilo, Kazimierz (Maciek) Slomczynski coordenaria o estudo, e eu serviria como um "consultor técnico".

A proposta era irresistível. Maciek e eu trabalhamos intensamente no desenvolvimento de métodos para uma análise transnacional do significado e dimensionamento de conceitos que, até então, tinham sido estudados apenas intranacionalmente, medindo tanto a classe social e a estratificação social para um país capitalista e um país socialista, usando métodos rigorosamente semelhantes para ambos os países - com a ajuda maravilhosa de colegas poloneses que dedicaram muito tempo para elaborar tais métodos, e que fica-

vam muito felizes em ver os seus esforços reconhecidos.

Dois livros e diversos artigos mais tarde, oferecemos evidências convincentes de que, embora a estrutura social e personalidade diferissem significativamente entre os Estados Unidos e a Polônia, elas estavam, na maioria das vezes, da mesma forma relacionadas entre si. Em ambos os países, classes e pessoas sociais mais favorecidas desfrutando de status social mais elevado apresentaram níveis mais altos de flexibilidade intelectual, mais auto-direcionamento e um forte senso de bem-estar. Pessoas mais favorecidas apreciavam trabalhos mais complexos, eram menos supervisionadas de perto, e trabalhavam em tarefas menos rotineiras do que as pessoas menos favorecidas.

Entretanto, por sorte, Ken'ichi Tominaga e Atsushi Naoi trouxeram o Japão para a mistura, e eventualmente nós fizemos uma grande comparação dos Estados Unidos, Polônia e Japão. Fazendo as concessões para variações transnacionais das classes e da estratificação social, as semelhanças entre países eram extraordinárias, com exceção de grandes diferenças entre os trabalhadores manuais dos EUA e poloneses, em seus níveis de angústia, com os trabalhadores japoneses no meio.

Mas, conforme Maciek e eu assistimos aos cidadãos poloneses desafiarem o regime autoritário, colocamos uma nova pergunta: como um processo de mudança social radical - como o da Polônia tornando-se um país democrático e decididamente católico - muda nossos resultados comparativos? Três brilhantes colaboradores poloneses - Krystyna Janicka, Bogdan Mach e Wojciech Zaborowski - juntaram-se à nossa equipe, e nós ampliamos nosso olhar para explorar não só as situações de estrutura social e personalidades de trabalhadores masculinos, como também de trabalhadoras femininas, e dos muitos homens e mulheres poloneses que perdiam seus empregos conforme o capitalismo abraçava a Polônia.

Mas, e o resto da Europa Oriental comunista? Nunca tinha sido fácil (ou mesmo possível) fazer um estudo sério da Europa Oriental, e eu realmente nunca tinha tentado. Mas agora eu procurava uma oportunidade para estudar a Rússia, e convidei um proeminente sociólogo soviético, Vladimir Yadov, para colaborar. Ele respondeu que infelizmente (mesmo sob Gorbachev) o objeto era muito sensível. Mas me apresentou a dois sociólogos na Ucrânia que se encaixariam perfeitamente - um teórico e psicólogo social, Valeriy Khmelko, e um metodologista, Vladimir Paniotto. No momento em que projetávamos a nossa pesquisa, a União Soviética tinha se desintegrado - assim Khmelko e Paniotto criaram na Ucrânia a primeira empresa séria de pesquisa de levantamento de dados na história da União Soviética. A partir de então, por meses, percorri de lá pra cá, entre Varsóvia e Kiev, coordenando estudos poloneses e ucranianos.

A partir das comparações polaco-ucranianas, aprendemos



muitas coisas - especialmente, que os dois países estavam se tornando mais parecidos com os Estados Unidos e Japão (embora a passos muito diferentes): os trabalhadores estavam angustiados, apesar do capitalismo não ter significado nenhuma mudança nas condições de trabalho, mas alterou as relações entre trabalhadores e empregadores. Ao final de nosso estudo, os trabalhadores poloneses não podiam ser diferenciados dos trabalhadores norte-americanos, e os trabalhadores ucranianos não estavam muito atrás. No momento em que os poloneses sentiram que tinham terminado a sua pesquisa, os ucranianos pensaram que tinham acabado de começar: as coisas foram acontecendo mais lentamente na Ucrânia e havia mais para estudar. Assim, os ucranianos, que pagaram por sua própria pesquisa por meio do lucro do seu florescente negócio de pesquisa, fizeram uma atualização do estudo, que eu egoisticamente analisei.

A atualização do estudo da Ucrânia foi uma verdadeira extensão de uma análise transversal de um estudo longitudinal, tornada possível através de uma nova entrevista com os entrevistados do estudo original. Encontramos uma instabilidade extraordinária na personalidade na Ucrânia durante aqueles três anos, sem igual, exceto (por uma coincidência selvagem) em Mali (e talvez em outras partes da África), onde Carmi Schooler estava pesquisando a mesma coisa em circunstâncias bastante semelhantes. Ainda assim, as relações entre o trabalho e a personalidade permaneceram a mesma coisa para a Ucrânia durante esse período, embora a magnitude das relações tivesse diminuído. Nossos modelos causais mostraram que sob essas condições extremas de instabilidade social, a personalidade teve pouco efeito sobre a posição social-estrutural, mas a posição na estrutura social continuou a ter tão forte efeito sobre a personalidade, da mesma forma que tinha tido em condições de estabilidade social.

Mas esse não foi o fim. Eu há muito estava interessado na China, e minha esposa me encorajava. Nós viajamos para a China juntos, embora ela tivesse sido afligida pela doença de Alzheimer tão profundamente que ela esquecia o que eu dizia em cada palestra e gostava de tudo de novo na próxima universidade e na próxima palestra. Ela desesperadamente queria que eu fizesse um estudo da China, mesmo que ela não vivesse para vê-lo. Houve uma considerável dificuldade em encontrar os colaboradores certos: eu estava bem ciente de quão dependente deles eu seria. Mas eu tive sorte, encontrando Lulu Li, e seu pupilo, Weidong Wang. Eu também recrutei um estudante de pós-graduação, Yin Yue, que rapidamente assumiu o papel de verdadeiro colaborador. Weidong era um coletor de dados. Na verdade, ele fez o impossível, desenvolvendo cinco pesquisas separadas em

cinco cidades selecionadas, quase que simultaneamente, trabalhando com um membro de alto nível do corpo docente da faculdade de cada cidade e contando com estudantes universitários locais como entrevistadores. Yin, pelo contrário, era um novato, mas rapidamente aprendeu o que era necessário.

A pesquisa na China confirmou nossas descobertas em outros países, mas não pelas mesmas razões. Para outros países, as relações de classe e estratificação com tais condições de trabalho como a complexidade do trabalho, a proximidade de supervisão e a rotinização eram fundamentais; mas na China essas condições de trabalho explicavam muito pouco dessas relações. Na China, a explicação era que uma classe social, os trabalhadores independentes, era anômala: para eles, e só para eles, as condições de trabalho eram irrelevantes para a personalidade. Mas por quê? Eu especulei, com base em minhas andanças pelos becos de Pequim, que esses caras estavam batalhando a vida à margem da economia, e o que realmente importava era a pobreza de suas condições de vida. Agradáveis especulações, mas quem iria acreditar em mim, quando eu não conseguia nem falar chinês? Felizmente, meus dois colaboradores principais forneceram dados para apoiar a resposta. Muito antes, Weidong incluiu uma pergunta sobre o registro de residência dos entrevistados, ou hukou status, indicando se os entrevistados foram oficialmente registrados como rurais ou urbanos. Então, um dia, Yin chegou ofegante em meu escritório, trazendo um par de artigos de autoria de um notável estudioso chinês, Wu Xiaogang, em conjunto com um proeminente estudante americano de estratificação social, Donald Treiman; Wu e Treiman tinham pesquisado as mesmas pessoas em questão: os migrantes de áreas rurais que tinham sido incapazes de escapar de seus hukou quando vieram para a cidade. Esses coitados não conseguiam emprego na economia regular, nem moradia decente, nem escola para seus filhos.

Ali estava a resposta para nossa anomalia, prevista para mim por meus dois colaboradores, um que havia colocado a pergunta no questionário de pesquisa sobre registro de residência, e o outro que tinha encontrado dois trabalhos magníficos em periódicos que não eram usualmente lidos por estudiosos chineses. E meus dois colaboradores chineses não foram diferentes dos meus colaboradores de todos os outros países com quem eu tinha trabalhado: conscientes, pensativos, sérios, e úteis, um prazer trabalhar com eles. ■

Correspondências devem ser enviadas para: Melvin Kohn <mel@jhu.edu>

> Fortalecendo o compromisso da sociologia com a justiça social

por **Margaret Abraham**, Universidade de Hofstra, EUA e Presidente da ISA, 2014-2018



Margaret Abraham, a nova presidente da ISA, fazendo seu discurso de posse. Foto por Kayo Sawaguchi.

Neste mês de julho, 6.087 sociólogos e cientistas sociais de 95 países encontraram-se em Yokohama, Japão, para o XVIII Congresso Mundial de Sociologia da ISA. Pelo imensamente bem-sucedido evento, nossas cordiais felicitações e agradecimentos ao Comitê Organizador Local do Japão, esplendidamente presidido por Koichi Hasegawa;

ao Comitê de Programação da ISA, presidido por Raquel Sosa e nossos vice-presidentes da ISA, Tina Uys, Robert van Krieken e Jennifer Platt; e aos Coordenadores de Programação dos Comitês de Pesquisa, Grupos de Trabalho e Grupos Temáticos. Nossos agradecimentos muito especiais, também, à Secretária Executiva da ISA, Izabela Barlinska, cujas excelentes habilidades profissionais embasaram a



Simbolizando a sucessão de poder, Margaret Abraham toma duas espadas de samurai de Michael Burawoy, mas se recusa a aniquilar o presidente que deixa o cargo. Foto por Vladimir Ilin.

organização do Congresso, e a Confex, nossa equipe profissional de gerenciamento de conferências.

Mais importante, o sucesso sem reservas do Congresso deve muito à liderança e ao dinamismo do Presidente da ISA, Michael Burawoy, que concebeu o tema *"Enfrentando um Mundo Desigual: Desafios para a Sociologia Global"*, e que chamou a atenção para as desigualdades confrontadas pela sociedade civil e para a ameaça que a privatização e a mercantilização crescentes colocam à nossa disciplina. Devemos muito a Michael por sua notável visão ao criar uma comunidade sociológica ativa por meio da *Diálogo Global* e por seus esforços no sentido de usar a mídia eletrônica para estender seu alcance para além das fronteiras acadêmicas da disciplina, contribuindo com a Sociologia e com a mudança social ao construir uma audiência sociológica global.

Agora temos a oportunidade de fortalecer ainda mais nossa disciplina e a organização, com o apoio do nosso Comitê Executivo recém-eleito e de uma ótima equipe de Vice-Presidentes: Markus Schulz (Conselho de Pesquisa), Sari Hanafi (Associações Nacionais), Vineeta Sinha (Publicações) e Benjamin Tejerina (Finanças e Quadro de Membros).

Nossa associação precisa responder continuamente aos desafios de um mundo em mudança, frequentemente turbulento. Mais do que nunca, confrontamos assuntos globais complexos, que nos obrigam a recorrer à Sociologia como uma disciplina capaz de dialogar no interior de cada sociedade e entre distintas sociedades, mesmo que muito díspares; e como uma disciplina para enfrentar os desafios sociais, econômicos e políticos de modo que possamos moldar colaborativamente um mundo mais justo no século XXI. Do meu ponto de vista, a missão principal da ISA é não apenas analisar e explicar o mundo social, mas também imaginar soluções e direções que ajudem a criar um futuro mais humano para todos nós.

Como nova presidente da ISA, identifiquei algumas prioridades-chave. Apesar do progresso considerável, precisamos continuar desenvolvendo o caráter global da ISA. Sua primeira meta organizacional é representar os sociólogos de todos os lugares "independente de sua escola de pensamento ou opinião ideológica", mas mesmo assim mais da metade dos países do mundo não estão representados na organização. Uma inclinação para o Norte e para o Ocidente ainda domina nosso quadro de membros e nossas agendas de pesquisa, restringindo o engajamento intelectual e a polini-

zação cruzada de ideias, tão centrais para a nossa missão. Espero aumentar consideravelmente o quadro de membros da ISA para tornar nossa organização verdadeiramente global, representando todos os povos e tonalidades do pensamento sociológico. Com o apoio dos Comitês de Pesquisa e das Associações Nacionais, consideraremos formas realistas de construir capacidade institucional para ajudar sociólogos que encontram múltiplas barreiras – econômicas e políticas – a impedir sua participação em trocas globais. Aumentar as oportunidades para sociólogos emergentes e em início de carreira é fator crítico para garantir a vitalidade da Associação. Isso deve implicar no fortalecimento de nossa base financeira, de modo que possamos assegurar participação mais inclusiva, sem colocar em perigo a viabilidade fiscal da ISA – o que será possível apenas com o apoio e a cooperação de nossos membros.

Significativamente, o manifesto da ISA enfatiza "os contatos institucionais e pessoais entre sociólogos e outros cientistas sociais ao redor do mundo". O diálogo contínuo através das disciplinas é crucial para uma apreciação mais completa da humanidade, suas nuances e diferenças. Espero que possamos adotar, estender e redefinir a interdisciplinaridade, que esteve nas raízes históricas da Sociologia. Assim >>>

como o mundo precisa constantemente da investigação sociológica, também precisamos interagir ativamente com outros cientistas sociais para permanecermos relevantes. Poderia ser benéfico às conferências e *workshops* da ISA incluir formadores de opinião influentes em outras áreas. Espero trabalhar no sentido de facilitar a pesquisa colaborativa, melhorando as trocas produtivas em nossas interações globais.

É claro que o maior objetivo da ISA é “fazer avançar o conhecimento sociológico no mundo todo”. Isso significa engajar-se em uma análise sistemática, cética e crítica do nosso mundo social e, dessa forma, contribuir para torná-lo um lugar melhor. Restringir essa visão grandiosa a um estreito foco nos interesses puramente acadêmicos de uma comunidade elitista de sociólogos seria assumir uma leitura excessivamente limitada da missão da ISA. Precisamos de análise crítica, mas também de ação e intervenção, incluindo trabalho com agências não-governamentais em nome de progressiva justiça social e mudança social. A ISA deve, certamente, dedicar recursos e tempo à pesquisa e ao treinamento, a desenvolver enquadramentos teóricos e metodologia rigo-rosa, mas deve também encampar uma sociologia que lida com os problemas do mundo real – um mundo brutalizado por genocídio, tirania, terrorismo, xenofobia, discriminação racial, fundamentalismo, injustiça de gênero, corrupção e degradação ambiental, problemas que

engendraram pobreza, falta de liberdade, vastas desigualdades de riqueza e exclusão social. Como Presidente da ISA, trabalharei por uma sociologia que não apenas analise os grandes problemas de nossas realidades sociais, mas aponte proativamente novas direções para a progressiva mudança social. Esforçar-me-ei para fortalecer ainda mais o papel da ISA como um corpo internacional proativamente engajado com o mundo contemporâneo.

Enquanto socióloga feminista, que aprendeu muito com a comunidade global de acadêmicas e ativistas comunitárias feministas, preocupo-me especialmente com a violência e a discriminação de gênero que permeiam as sociedades no mundo inteiro. Particularmente severa para mulheres e meninas, a violência de gênero tem também implicações deletérias para famílias, comunidades e para a sociedade, em geral; tomar sistematicamente as mulheres como alvo é característico dos conflitos modernos. O problema da violência contra as mulheres deve fazer parte da agenda mais ampla da ISA no que concerne à justiça social. Planejo iniciar um projeto global, desde a presidência da ISA, para explorar e coordenar uma rede global de sociólogos e demais interessados que, a partir de experiências locais, nacionais, regionais e globais, providenciarão soluções para mitigar a violência de gênero e interseccional.

O que nós aprendemos com nosso

mundo complexo e cheio de conflitos não pode ficar confinado somente aos periódicos e salas de conferências. Com a sua ajuda, tenho o propósito de disseminar para o mundo mais amplo o trabalho da ISA a respeito de questões sociais contemporâneas, e traduzir o conhecimento sociológico especializado em conceitos populares que o cidadão médio possa entender e nos quais possa encontrar referências e inspiração.

Nossos meios eletrônicos serão usados para disseminar pesquisas, promover trocas e diálogo e compartilhar análises sociológicas. Meu plano presidencial inclui uma iniciativa para mapear eletronicamente os sociólogos ao redor do mundo, como recurso para a comunidade global, e o propósito de reforçar o uso de mídias sociais por parte dos sociólogos para chamar atenção para contextos e assuntos complexos.

A ISA é uma organização que quer fazer a diferença e nosso quadro de membros congrega uma gama rica e diversa de perspectivas sociológicas e habilidades metodológicas. Delineadas as minhas prioridades para a ISA, minha missão agora é traduzir intenções em ação significativa – contando com a crítica construtiva, a cooperação e a colaboração de vocês. ■

Correspondências devem ser enviadas para:
Margaret Abraham
<Margaret.Abraham@Hofstra.edu>

> Reflexões sobre Yokohama

por **Vladimir Ilin**, Universidade Estatal de São Petersburgo, Rússia



Palco. Arquiteto do sucesso, Koichi Hasegawa, Membro do Comitê Organizador Local, recebe um prêmio pela dedicação ao XVIII Congresso Mundial de Sociologia. Foto por Kayo Sawaguchi.

O XVIII Congresso da Associação Internacional de Sociologia ocorreu em Yokohama, de 13 a 19 de julho. Escrever sobre o Congresso é uma tarefa ingrata: o que quer que se diga, sempre haverá alguém dizendo o oposto. Com mais de 6.000 participantes, foi um evento tão grande que me sinto como o homem cego que tenta adivinhar o elefante, tateando suas distintas partes. Assim, limitarei meus comentários a uns poucos eventos e a algumas reflexões pessoais.

> Foco na desigualdade

O tema do Congresso foi a desigualdade social e os desafios que ela coloca à sociologia global – um tema particularmente relevante, tanto porque o mundo não está se tornando mais justo, apesar das projeções otimistas sobre maior igualdade, assim como porque a sociologia tem se tornado cada vez mais sensível a rupturas sociais profundas e, frequentemente, trágicas, um padrão que se reflete





Bastidores. Arquitetos do sucesso – representantes do PCO (Professional Conference Organizer) e voluntários, a Secretária da ISA e a Confex.

na guinada à esquerda da sociologia global. Michael Burawoy, um eminente marxista, ter sido eleito Presidente da Associação Sociológica Internacional para o período 2010-2014 e Erik Wright, analista de classe marxista, também presente em Yokohama, ter sido eleito Presidente da Associação Sociológica Americana são fatos que falam por si mesmos. A tendência para a esquerda na sociologia mundial é reforçada pelo crescente número de sociólogos da América Latina, Ásia e África, lugares em que as contradições sociais do capitalismo se revelam em formas dramáticas, o que estimula novas modalidades de teoria crítica. Em sua mensagem presidencial, Michael Burawoy chamou atenção para a eleição do Papa Francisco, em 2013 – o primeiro Papa do Sul Global, ademais singularmente preocupado com a questão da desigualdade. Foi bem

inesperado ouvir um sociólogo de esquerda citando a Exortação Apostólica do Papa (não apenas frases, mas seis teses concisas!) sobre a desigualdade social, um manifesto católico anticapitalista organizado em torno à ideia de que o dinheiro deve servir, e não governar! Burawoy também notou que os economistas – que tradicionalmente negligenciaram a desigualdade social – têm começado a voltar sua atenção para ela.

Burawoy iniciou observando que a participação no Congresso refletia desigualdades globais em termos de recursos materiais e desenvolvimento da Sociologia: ainda que cada vez mais membros da ISA vivam fora do Norte Global, 71% dos participantes em Yokohama vinham dos países mais ricos do mundo e apenas 10% dos países mais pobres. Quando a ISA foi criada,

em 1949, representava apenas sociólogos dos Estados Unidos e da Europa Ocidental. Hoje o quadro é muito mais diverso.

Entretanto, muitos acreditam que a democratização da comunidade sociológica tem um aspecto negativo: mais participantes são desprovidos de educação profissional sistemática e não têm oportunidades de melhorar sua qualificação, participar em pesquisas ou entrar em contato com literatura sociológica atual. Immanuel Wallerstein, veterano e ex-presidente da ISA, contou que o primeiro congresso a que ele compareceu, em 1959, tinha apenas 300 participantes. Quase todos vinham dos países ocidentais e o encontro atraiu muitos “astros” da comunidade profissional. Com mais de 6.000 participantes, de forma alguma todas as “celebridades”



foram representadas no programa do Congresso de Yokohama. Para muitos sociólogos, seminários e conferências menores são investimentos melhores de tempo e dinheiro; muitos sociólogos são conhecidos apenas por seus próprios colegas.

Mas como poderemos melhorar o nível geral da sociologia, a não ser pela participação de todos os sociólogos em um diálogo global? A contradição entre democratização, por um lado, e nostalgia de um status elitista anterior, por outro, significa que há uma tensão emergindo no mundo da sociologia.

> A Agenda da sociologia pública

Neste congresso, Michael Burawoy entregou a presidência. Ele deixou sua marca ao construir uma comunidade sociológica global por meio do uso expandido das mídias sociais – o que ele chamou mundos digitais – e por viajar constantemente para se encontrar com sociólogos no mundo inteiro. Formulando um conceito de sociologia pública muito claro e compreensível – embora de nenhuma forma universalmente compartilhado –, Burawoy propôs que os sociólogos poderiam fazer mais do que desenvolver pesquisas e falar para um círculo restrito de colegas; seu objetivo deveria ser segurar um espelho no qual a sociedade possa ver a si mesma de forma transparente e sistêmica. Essa visão de sociologia pública foi organicamente complementada por uma tentativa de mudar o balanço de poder na co-

munidade sociológica, propondo uma Sociologia sensível aos problemas dos países não-ocidentais. Gradualmente, essa ideia radicalizou a sociologia, transformando-a em uma ferramenta intelectual à disposição de forças que lutam para criar um mundo mais justo.

Direcionando nossa atenção para o tema da desigualdade social, o Congresso de Yokohama atualizou esse projeto. A ideia de que os sociólogos podem participar ativamente na transformação do mundo não é nova. Afinal, toda a sociologia marxista clássica foi desenvolvida tanto para mudar o mundo quanto para oferecer análises científicas. O início da sociologia americana esteve intimamente ligado a movimentos de reforma social. Pitirim Sorokin engajou-se ativamente na Revolução Russa de 1917 e quase perdeu sua vida no processo. Muitos presidentes da ISA foram ativos na arena política: Jan Szczepánski e Alberto Martinelli foram eleitos para assentos legislativos em seus países; Fernando Henrique Cardoso elegeu-se senador e, mais tarde, Presidente do Brasil.

Diferentes visões foram expressadas na sessão com ex-presidentes da ISA, em Yokohama. Piotr Sztompka, ex-presidente da ISA (2002-2006) e professor na Universidade de Krakow, um dos mais pronunciados oponentes da sociologia pública e suas conotações revolucionárias, formulou uma abordagem alternativa, descrevendo a sociologia como uma disciplina acadêmica calcada na pesquisa cuidadosa e objetiva, que não deveria se envolver com

a transformação do mundo. O lugar do sociólogo é em bibliotecas, não em barricadas. De acordo com Sztompka, o dever mais importante dos sociólogos que querem verdadeiramente enfrentar a desigualdade é entender o fenômeno. A maioria dos sociólogos, afirmou, apoiam reformas, mas os sociólogos não podem produzir mudança por meio de moralização, pregação ou manifestos ideológicos. A responsabilidade dos sociólogos é revelar os mecanismos e padrões da vida social – incluindo aqueles que geram e reproduzem a desigualdade ou a injustiça. Karl Marx passou a maioria de sua vida na biblioteca, não em barricadas; e tornou-se um gigante do pensamento social em virtude d'*O Capital*, não d'*O Manifesto Comunista*.

Em sua apresentação no Congresso e em publicações anteriores, Sztompka promoveu a ideia de uma sociologia singular, igualmente aplicável a países ricos e pobres. Não se pode ter sociologias diferentes para mundos diferentes. Mecanismos sociais e ciclos de mudança social são os mesmos para todos os cantos do mundo, ainda que suas formas fenomênicas variem; padrões para a pesquisa sociológica e critérios para avaliar teorias também são universais. Aparentemente, nenhum lado está certo ou errado. A Sociologia pode assumir distintas formas e os sociólogos podem escolher o caminho que melhor se ajusta a seu caráter, suas habilidades e suas crenças. ■

Correspondências devem ser enviadas para:
Vladimir Ilin
<ivi-2002@yandex.ru>

> Immanuel Wallerstein recebe o prêmio de excelência da ISA

por **Michael Burawoy**, ex-president da ISA, 2010-2014, e membro do Comitê de Premiação



*Immanuel Wallerstein, homenageado pelo Prêmio de Excelência da ISA em Pesquisa e Prática.
Foto por Kayo Sawaguchi.*

der *World-System* (dos quais mais três volumes apareceram em 1980, 1989 e 2011) sua obra revitalizou a abordagem da sociologia como um empreendimento histórico comparativo, trazendo-a de volta às preocupações clássicas com a mudança social em longo prazo. Seu quadro teórica dos sistemas-mundo continua a ser uma área próspera nas ciências sociais, atraindo algumas das melhores mentes.

A Cerimônia de Abertura do Congresso Mundial de Sociologia, Yokohama, apresentou seu novo e único prêmio de toda associação da ISA, o Prêmio de Excelência na Pesquisa e Prática Sociológica. O prêmio foi amplamente anunciado para incentivar as mais amplas inscrições possíveis de membros da ISA. Entre os vários candidatos impressionantes, a comissão de sete pessoas composta pelo Comitê Executivo da ISA escolheu Immanuel Wallerstein como o primeiro destinatário do prêmio.

O Comitê do Prêmio recebeu um notável conjunto de documentos que testemunham que, entre os sociólogos vivos ninguém exerceu maior influência sobre as ciências sociais do que Immanuel Wallerstein. Suas contribuições para as ciências sociais vão bem além de produzir, em 50 anos, uma série de excepcionais livros premiados e artigos - numerosos demais para se contabilizar. Na verdade, ele é um desses estudiosos muito raros, cujo trabalho tem mudado paradigmas.

Tendo começado na década de 1960, analisando o colonialismo e lutas de libertação nacional na África, ele se voltou para o mais amplo projeto intelectual possível, a análise do surgimento e dinâmicas subsequentes do "sistema mundo moderno", cuidadosamente baseando seu empreendimento teórico em profunda e detalhada erudição histórica. A partir de 1974, com o primeiro volume de sua obra *Mo-*

Como ele reescreveu a história do mundo, ele veio a refletir e analisar o provincianismo peculiar das Ciências Sociais Ocidentais, não menos importante, a sua segmentação em disciplinas artificiais. Sua visão sobre a reconstrução das ciências sociais passou a ser amplamente conhecida com a publicação do aclamado *Open the Social Sciences*, o relatório de 1995 da Comissão Gulbenkian que ele presidiu. Desde então, ele tem sido o autor de vários volumes sobre a história e o futuro das ciências sociais.

Wallerstein não é apenas um gigante intelectual. Ele também tem sido um verdadeiro servo de sociologia como disciplina global, viajando incansavelmente ao redor do mundo e servindo em uma infinidade de papéis organizacionais. Como Presidente da Associação Internacional de Sociologia (1994-1998), ele criou um espaço receptivo na arena global para os estudiosos de todo o mundo, mais particularmente do Sul Global, da América Latina, da África, da Ásia e do Oriente Médio. Ele cultivou e inspirou uma nova geração de líderes da ISA e da sociologia mundial. O Comitê considerou que não há outro primeiro candidato mais digno a receber o Prêmio de Excelência e Prática da Sociologia do que o Professor Immanuel Wallerstein. ■

> Trabalho emocional ao redor do mundo

Entrevista com Arlie Hochschild



Arlie Hochschild.

Arlie Russell Hochschild é uma das mais renomadas sociólogas do nosso tempo. Seu trabalho é a prova de que a profundidade teórica combinada com discurso acessível é uma estratégia eficaz para a realização de investigação sociológica frutífera. Em seus oito livros acadêmicos - incluindo o *The Managed Heart* (1983), *The Commercialization of Intimate Life: Notes from Home and Work* (2003), *The Outsourced Self* (2012), e o mais recente *So How's the Family? And Other Essays* (2013) - Hochschild analisa como as emoções podem nos ajudar a compreender a relação entre as esferas micro e macro da vida social. Conceitos originais, como "gestão emocional", "trabalho emocional" e "regras de sentimento", são a chave para compreender a profundidade da análise alcançada em seu trabalho. Nesta entrevista, Hochschild revela-se ser ao mesmo tempo carismática e pé-no-chão. Conversando com a socióloga norte-americana pode-se facilmente reconhecer que ela é um espírito livre com um olhar - e com o coração - nas principais questões sociais do nosso tempo. Madalena d'Oliveira-Martins, pesquisadora do Instituto Português de Cultura e Sociedade, da Universidade de Navarra, Espanha, conduziu a entrevista em Berkeley, Califórnia, em 27 fevereiro de 2014.

MO: Você era uma estudante de pós-graduação em Berkeley, durante os anos 1960. Qual foi a sua percepção do que estava acontecendo e como isso afetou sua perspectiva sociológica?

AH: Em outubro de 1962, eu tinha chegado recentemente em Berkeley. A Crise dos Mísseis de Cuba foi se aproximando e a Guerra Fria entre a União Soviética e os EUA de repente foi ficando quente. O Presidente Kennedy e Nikita Khrushchev estavam ameaçando um confronto nuclear. Um dia eu fui de bicicleta até a praça central do campus e descobri que ela estava cheia, havia uma multidão de estudantes, professores assistentes e professores, todos reunidos em pequenos grupos - dez pessoas aqui, vinte lá, envolvidos em intensa conversação. Será que estávamos diante da possibilidade de um holocausto nuclear? O que um movimento pacifista pode fazer? Todo mundo estava envolvido publicamente. Pensei: "Este é o lugar onde eu quero estar". Mais tarde, ocorreu-me que aquilo poderia ser o que Habermas tinha em mente: o discurso racional na praça pública.

Há pouco tempo atrás eu estava andando na mesma praça e vi os alunos passando telefones celulares uns aos outros para seus ouvidos. Eles estavam conversando, mas não um com o outro. Eu senti falta dessa praça pública. Algumas dessas conversas face-a-face em grupo mudaram-se para o *online*, é claro, mas nesse processo, pode ter-se diluído aquela sensação imediata de propósito comum. De qualquer forma, eu acho que precisamos de mais daquele otimismo mágico e compartilhado dos anos 60 sobre mudar as coisas para melhor.

MO: Um de seus conceitos centrais é trabalho emocional - o trabalho de evocar ou suprimir sentimentos, de tal modo a sentir "o sentimento certo para o trabalho." Você pode nos dizer o que esse conceito ilumina?

AH: Em sociedades com um setor de serviços em crescimento, esse conceito ilumina a realidade cotidiana de muitos postos de trabalho - babás, funcionários de creches, trabalhadores que cuidam de idosos, enfermeiros, professores, terapeutas, cobradores, policiais, trabalhadores de *call centers*. Cada vez menos as economias modernas são baseadas na derrubada de árvores, poços de perfuração, material de fabricação; cada vez mais, elas são baseadas em interações face-a-face, a voz-a-voz, necessárias para prestação de serviços. Essas interações exigem habilidade emocional.

MO: Olhando para o seu ensaio "Love and Gold" em



Global Woman, e seu ensaio “The Surrogates Womb” em So How’s the Family? parece-me que você analisou o “trabalho emocional” ao redor do mundo. É isso mesmo?

AH: Tenho acompanhado babás e trabalhadores de acolhimento de idosos no Sul Global que deixam suas próprias crianças e idosos, a fim de cuidar de crianças e idosos do Hemisfério Norte, formando “cadeias de babá.” Inspirado pelo trabalho de Rhacel Parrenas, tenho entrevistado babás filipinas em Redwood City, Califórnia, que já contrataram suas próprias babás para cuidar de seus filhos em Manila, criando uma “cadeia” de babás - no final é o filho do Hemisfério Sul sobre quem o peso do sistema global descansa.

MO: Você chama o resultado de tudo isso um “transplante de coração global”, certo?

AH: Sim, a expressão do coração de uma mulher em um contexto é desviada para outro. Este desvio exige trabalho emocional intenso. A babá transplantada administra sua sensação de solidão, isolamento e até mesmo confusão sobre se sentir emocionalmente mais ligada ao bebê que ela cuida durante longas horas na casa de um empregador do Vale do Silício do que ela faz para seu próprio filho – a quem ela não vê há cinco, seis, sete anos - deixou com uma irmã em Manila - ou San Pedro Sula, Michoacan ou em outros lugares no Sul. O Salário da babá paga as taxas escolares de seu filho, mas a criança, em si mesmo, pode se sentir magoada, deprimida, com raiva, ou até mesmo desapegada, de alguma forma.

MO: E você escreveu sobre “mães de aluguel”, indianas que são treinadas para pensar em seus ventres como malas de transporte.

AH: Sim, algumas das entrevistas mais emocionantes que eu fiz foram com “mães de aluguel” em Anand, Índia - mulheres pobres nas quais o embrião de um casal é implantado, e que levam o bebê a termo por US\$ 3 a 5 mil, para clientes nacionais ou estrangeiros. Fundamentada sobre essas entrevistas, bem como no trabalho da socióloga Amrita Pandei, descrevo o maior serviço de aluguel de útero do mundo. Fora da necessidade financeira, a mãe de aluguel administra seus laços emocionais com o seu próprio corpo – de quem é este ventre, se é o médico e cliente que autorizam a eliminação de fetos extras? - e com o bebê que ela carrega, que ela dá embora, mas que se lembra por um longo período de tempo.

Babás e “mães de aluguel” enfrentam os desafios do distanciamento emocional. No século 19, Marx nos deu a imagem poderosa do macho alienado, operário europeu. Eu ofereço uma atualização para esse modelo: no século XXI, trabalhador do serviço feminino do Hemisfério Sul.

MO: Você escreveu sobre “mapas de empatia” e a socióloga alemã Gertrud Koch dedica seu livro, Pathways

to Empathy, para você. O que é um mapa de empatia?

AH: É um espaço social que idealizamos, delimitado por fronteiras separando-o de outros espaços sociais. Nós simpatizamos com os que estão dentro desse espaço, e não com pessoas fora dele. Dois grupos de pessoas podem ser igualmente capazes de empatia e igualmente ativos nas práticas ocultas que aumentam a empatia, mas, dadas as seus diferentes mapas, se recusam a empatia entre si. Para expandir nossos mapas, precisamos sentir o nosso caminho através das fronteiras que estabelecemos entre eles. Estou muito interessada em como nós fazemos isso.

MO: Em seu artigo “The Sociology of Feelings and Emotions” (1975) você nomeou um novo ramo da sociologia, a “sociologia das emoções.” Isso foi um passo importante para o reconhecimento de um habitus que precisava de atenção?

AH: Sim. Emoção é o coração do que a sociologia é. Se somos sociólogos políticos, precisamos perguntar sobre os sentimentos por trás de uma crença política e de onde vieram. Se somos sociólogos econômicos, precisamos perguntar quais sentimentos animam nossas crenças sobre a economia, as nossas preferências dos consumidores, os aplausos e lágrimas no chão do mercado de ações. Cada subcampo da sociologia tem emoção em seu núcleo. Estou propondo que nos concentremos nesse núcleo de uma maneira altamente nuançada.

Uma série de tendências estava no ar na década de 1970, quando esta ideia me ocorreu. A mudança massiva das mulheres no mercado de trabalho pediu uma mudança na noção de feminilidade, as regras de sentimento e gestão emocional. Às vezes, as mulheres tinham de mudar – tinham de fazer para não ser uma advogada de defesa tímida e respeitosa – e, por vezes, as mulheres mudaram o ambiente de escritório legitimando o “cuidado”. O setor de serviços estava em ascensão. Corporações foram ficando maiores, e apelando para novas formas de gestão de emoção para lidar com as relações dentro e fora da empresa – com o culto crescente da vida privada, uma maior fragilidade na vida familiar, e remoção de antigos suportes familiares, elas ficaram mais articuladas em tentar compreender as relações emocionais. Todas essas tendências me fizeram perceber que precisamos desenvolver conceitos que nos permitem explorar este núcleo emocional da vida social.

MO: Você se preocupa com o tratamento que as emoções foram dadas em psicologia e outras ciências?

AH: Ah, sim. Mesmo um dos meus mentores, Erving Goffman. Ele, outros colegas e eu estávamos andando em um carro e rindo de uma piada - ele estava ensinando na Universidade da Pensilvânia e tinha voltado para a Califórnia para uma de suas viagens de esqui periódicas – e Erving se virou para mim e disse: “Arlie, todas essas emoções no



carro". Como se dissesse: "Como você pode estudar cientificamente as emoções? Não é possível". Ele era um cara Mr. Ciência, com uma caixa preta para a abordagem à psicologia – você não pode falar sobre o interior de uma pessoa. E, no entanto, ele falou de forma brilhante sobre esse interior o tempo todo e nos deu ferramentas muito importantes para construir.

MO: No mesmo artigo, que propôs um conceito que estava faltando em formulações clássicas na sociologia, "o eu sensciente", uma imagem sugerindo que, para o estudo das emoções é necessário ter em conta o papel ativo do indivíduo. É o significado que as emoções carregam o resultado dos pensamentos avaliativos? Será que eles derivam de pensamentos avaliativos ou de impulsos e instintos?

AH: A resposta é "ambos". Por um lado, eu vejo as emoções como um sentido, como a visão, como a audição, como toque. Está lá em bebês. Mas deterministas biológicos terminam a história ali. A tarefa sociológica é levá-la a partir de lá, para nomear e estudar as diferentes maneiras de prestar atenção aos sentimentos, sentimentos de etiqueta, atribuir significados a esses rótulos, ouvir e responder a esses significados. Os psicólogos da percepção não dizem: "Nós temos olhos, fim da história." Eles estudam como aprendemos a ver.

Eu tive a chance de falar com um homem da Lapônia que descreveu sua experiência de caminhar por uma trilha no meio do inverno, acima do Círculo Ártico. "Às vezes, você está cercado por neve branca", disse ele, "e de repente você está assustado com dois olhos negros. É um pássaro da neve! E então você olha para os dois olhos pretos. Você se prepara para vê-lo novamente. Você vê neve de forma diferente". Nós fazemos a mesma coisa com os nossos sentimentos. Nós nos preparamos para a alegria ("você vai amar isso") ou ressentimento ("ele merece"). Desenvolvemos "estados de expectativas" em relação a nossos próprios sentimentos.

E, muito além do que esperamos sentir, ou nos sintonizamos a sentir, existe ainda aquilo que achamos que deveríamos sentir. "Eu devo ficar feliz em ganhar um prêmio ou horrorizado com um crime" Tais afirmações são os micro-momentos através dos quais nós construímos mapas morais que regem sentimentos. Nós imaginamos nós mesmos como livres cientistas sociais, mas o quão livre somos nós, se não estamos olhando muito atentamente para as regras de sentimentos?

MO: Ao mesmo tempo em que navegamos em uma cultura de mercado que gera ansiedade em nossas vidas - e oferece soluções para essa ansiedade, o que resultou no crescimento do setor de serviços – nós continuamente procuramos "valores familiares" e "os valores da comunidade". São as emoções - e as

maneiras pelas quais nós a gerencimos - bons indicadores das fronteiras que estão sendo cruzadas? Você acha que "forças psicológicas" estão se opondo as "forças econômicas" dos nossos tempos?

AH: Muitas vezes usamos jargão de mercado para descrever nossas vidas pessoais. "Eu compro essa idéia." "Eu gosto de sua marca." "Ele está investido em você." Metáforas implicam regras de sentimento. Dou um exemplo em "So How's the Family" de um novo serviço que ajuda a encontrar um (mesmo sexo, não-romântico) amigo em sua área geográfica. É um serviço de pagamento eletrônico, e isto lhe diz, com efeito: "Se você pagar por nosso serviço, nós vamos levá-lo a um amigo de uma forma eficiente. Você vai ter "bom R.I.O" (retorno sobre o investimento.) E se você se inscrever, você vai conhecer os outros candidatos que já recrutamos para amizade serias, que querem encontrar um amigo porque eles pagaram pelo serviço. Se tratarmos de encontrar um amigo de uma forma R.I.O, então me perguntei: "será que isso altera as regras de sentimento para ser um amigo"? No *Outsourced Self*, eu estou tentando explorar apenas como "fazemos" a fronteira entre o mercado e a vida pessoal, especialmente para serviços pessoais, se especializa, expande, e se estende da elite para a classe média. Quando é que entramos em "alerta de apego" - seja como trabalhador ou cliente - porque nós nos sentimos "muito desapegados" do que temos definido como vida pessoal?

MO: Você pode me falar sobre o seu próximo projeto?

AH: Em *Outsourced Self* olhei para como nós fixamos - ou não fixamos - fronteiras entre formas mercadológicas de imaginar a vida, e formas pessoais (família / comunidade) de imaginá-la. Agora estou voltando para um tipo diferente de fronteira - entre o governo e a vida pessoal. Ao longo do último quarto de século, os Estados Unidos experimentaram uma divisão cada vez maior entre conservadores e liberais sobre o lugar e a função do próprio governo. Cada lado tem um mapa moral diferente, e segue um regime diferente para a regulação de sentimentos. Normalmente liberais temem ataques de drones e vigilância NSA; conservadores temem excesso de regulamentação do governo e tributação. Então, eu estou tentando sair da minha bolha liberal, e para compreender empaticamente as pessoas que vivem dentro da outra bolha, para descobrir mais sobre as lógicas emocionais que levam suas crenças e às nossas. Eu também quero alocar pontes entre essa divisão criada, para que possamos voltar a essa praça pública e concordar com algumas maneiras de mudar o mundo para melhor. Portanto, fique atento.

Correspondências devem ser enviadas para: Arlie Hochschild <ahochsch@berkeley.edu> e Madalena d'Oliveira-Martins <madalenaom@gmail.com>

¹ A pesquisa de Amrita Pande pode ser encontrada nesta edição da *Diálogo Global*.

> *Made in India*

Notas de uma fazenda de bebês

por **Amrita Pande**, Universidade da Cidade do Cabo, África do Sul e **Ditte Maria Bjerg**, *Global Stories Productions*, Dinamarca



Amrita Pande celebra as mães de aluguel como trabalhadoras criativas com direitos trabalhistas, produtoras de bordados e de bebês. Foto por Morten Kjærgaard.

“Foi excelente. Nunca tinha visto um teatro documental tão urgente como este, onde um sociólogo Ph.D e uma atriz executam a pesquisa de um assunto”

Simon Andersen, “Smagsdommerne,” Televisão Nacional Dinamarquesa.

Para nossos colegas em estudos teatrais e de performance, utilizar uma performance criativa para a pesquisa social pode ser uma ocorrência banal, mas não é assim para nós, sociólogos. A maioria de nós são artistas de sala de aula que, de outra maneira, trazem criatividade sorrateiramente em imaginações sociológicas nos livros didáticos.

Então, quando Ditte Maria Bjerg, diretora artística do *Global Stories Productions* de Copenhagen intitulou-me como “expert” no comércio de barriga de aluguel na Índia e me perguntou se eu colaboraria com ela em um espetáculo de teatro interativo sobre o mesmo tema, dei uma chacoalhada. A produção artística anterior de Ditte incluiu performances baseadas nas





Ao retornar a campo, as mães de aluguel organizam um Godh Bharai (chá de bebê) para Amrita Pande. Foto por Miriam Nielsen.

obras da socióloga americano Arlie Hochschild sobre o trabalho emocional, e foi Arlie quem nos colocou em contato. O plano de Ditte era simples: “preparar um trabalho artístico sobre comércio de barriga de aluguel” para o qual ela precisava extrair do trabalho de campo do meu doutorado. Minha vida anterior como uma artista na Índia acabou sendo bastante conveniente e acabei sendo promovida de fornecedora de notas de campo para educadora-artista.

Então, começamos nossa jornada interdisciplinar - duas pesquisadoras-artistas explorando o teatro comunitário interativo como uma forma de ampliar a nossa compreensão da barriga de aluguel.

Nós desenvolvemos a seguinte narrativa com uma série de notas de campo de uma socióloga (Amrita) aprendendo a usar meios criativos para re-estudar o seu próprio trabalho, e uma artista criativa (Ditte), utilizando

a dupla lente de artista e pesquisadora. Nós nos concentramos em dois momentos na confecção de nosso espetáculo *Made in India: Godh Bharai* (um ritual hindu de chá do bebê) organizado pelas mães de aluguel para Amrita, e um projeto de bordado com as mães de aluguel. Por um lado, ambos os momentos nos permitiram interagir com as mães de aluguel fora de seu papel de “disciplinadas mãe-alugadas”, vivendo sob vigilância médica rigorosa em albergues de mães de aluguel (Pande, 2010). Por outro lado, essas experiências puderam ser compartilhadas com o público ao redor do mundo - pessoas que, de outra maneira, nunca chegaram a “interagir” com uma mãe de aluguel da Índia. Nós exploramos os dois momentos com o teatro comunitário, ainda que envolvendo duas comunidades distintas - a das mães de aluguel e a da plateia. O objetivo final da performance interativa *Made in India: Notas de uma fazenda de bebês* é a ponte entre as duas comunidades, para que possam

interrogar como se vêem, como vêm os outros e como elas se vêm em relação aos outros.

> Encenando um Bharai Godh (chá de bebê)

Ditte: Lendo as notas de campo de Amrita, logo percebi que para transformar essas histórias em uma performance de palco sensorial, eu precisava ir para a Índia, juntamente com Amrita e minha equipe artística, um designer de palco e um vídeo-fotógrafo, para criar material visual, que iria interagir divertidamente com o palco e a plateia - e para investigar de alguma forma a relação entre a perita-entrevistadora-socióloga Amrita e as mulheres entrevistadas. Exatamente como fazer isso, eu não sabia, até o dia em que Amrita me ligou e disse: “Ditte... Eu estarei grávida durante a nossa viagem”.

Amrita: A introdução de Ditte em meu campo foi através das clínicas de fertilidade e dos albergues de mães de

aluguel na Índia, onde eu tinha feito a maior parte do trabalho etnográfico para o meu livro *Wombs in Labor*. A decisão de voltar ao campo etnográfico é desesperadora; você nunca tem certeza se os entrevistados irão recebê-lo de braços abertos ou desancar você por interpretar mal suas vidas. Meu retorno foi mais complicado porque eu estava, naquele momento, no meu sexto mês de gravidez. Eu não sabia como minha gravidez seria percebida pelas próprias mães de aluguel. Minhas preocupações sobre a possibilidade de ser uma pesquisadora desrespeitosa foram sem dúvida dispensadas pelas antigas mães de aluguel e amigos que entrei em contato via e-mail e telefone. As mulheres estavam ansiosas para comemorar a “ingênuu” (leia-se solteira) pesquisadora em seu novo avatar e Ditte estava ansiosa para fazer minha volta e ponto de entrada para o projeto de teatro interativo.

Quando chegamos ao albergue das mães de aluguel, encontrei algumas velhas amigas - mulheres que estavam grávidas pela segunda ou terceira vez. Elas entusiasticamente se encarregaram de organizar uma *Bharai Godh* (chá de bebê hindu) para mim. As mães de aluguel foram, por uma única vez, autorizadas a quebrar todas as regras do albergue, perder seus cochilos da tarde para, ao invés, me vestir. Jigna, a única mãe de aluguel de casta superior, ofereceu-se para servir de “sacerdote” do ritual, e Puja tornou-se maquiadora. Nos meus seis anos de pesquisa neste campo, essa foi a primeira vez em que eu estava vendo as mães de aluguel longe de suas camas nos dormitórios, fisicamente ativas, cantando, dançando e rindo de uma maneira tão desenfreada. As mulheres estavam no comando, quer a equipe artística gostasse ou não. Se isso era o que uma intervenção artística poderia alcançar, eu era tudo para ela! Conforme o canto continuou na parte da tarde, uma mãe de aluguel Vaishali calmamente disse: “A única diferença é que no final de tudo você terá que manter o bebê”.

> Projeto de bordados

Amrita: Dada as ansiedades que cercam as mães de aluguel, não é de surpreender que os debates sobre barriga de aluguel achem tão difícil ficar longe da moralidade. Os albergues de mães de aluguel corroboram com a visão distópica de fazendas de bebês. “Mas há sempre alguém apontando constantemente quão imoral são essas mulheres marrons e pobres sendo forçadas a vender suas entranhas? Não precisamos seguir em frente e perceber que essas mulheres são trabalhadoras, trabalhadoras com os direitos trabalhistas? O que você acha?” Eu escrevi essas linhas para o público de teatro europeu e imaginei como eles reagiriam. Como deslocar a lente da moralidade para os direitos trabalhistas?

Ditte: Uma das atividades de “treinamento” para as mulheres que residem nos albergues de mães de aluguel é o bordado. Duas vezes por semana um professor aparece e as mulheres são ensinadas a bordar motivos banais, como flores e folhas. Esse trabalho feminino parece “apropriado” para as mulheres grávidas, não faz mal ao bebê, e não desafia os métodos disciplinares, a visitação da equipe médica ou dos clientes à pousada. Mas nós viemos com um plano diabólico: Poderíamos colaborar com as mulheres e produzir alguns bordados para o espetáculo criando motivos sobre o seu “trabalho” como mães de aluguel? As mulheres seriam pagas pelo seu trabalho e o nosso público teria uma representação concreta das mulheres, e entenderia que essas mulheres são trabalhadoras, capazes de produzir algo mais do que os bebês. O projeto foi formado em conjunto por um famoso artista/ativista Mallika Sarabhai e pela SEWA (uma ONG para mulheres trabalhadoras informais). Chegamos ao albergue de mães de aluguel, onde 50 mulheres grávidas estavam reunidas na sala de TV para ouvir nossas ideias e ver esboços dos motivos. Conforme elas começam a perceber que os motivos são todos dos “produ-

tos” e do seu trabalho como mães de aluguel, elas começam a rir, gargalhar e colaborar. Nossas ideias sobre motivos como injeções, transferência de embriões e remoção de óvulos são complementadas com suas próprias imagens mais prementes do aluguel de barrigas - aviões, celulares e pimentas vermelhas.

Na última apresentação do *Made in India* esses bordados foram anexados a uma corda e apresentados para o público, logo após Amrita circular a noção de barriga de aluguel como mão de obra, e as mães de aluguel como trabalhadoras com direitos trabalhistas. O público teve a oportunidade de tocar esses bordados durante o intervalo e refletir sobre o fato de que cada uma das peças de bordado representa uma mulher que trabalha como mãe de aluguel na Índia. Na última parte da performance, o público pode refletir sobre esse trabalho e fazer perguntas para os muitos personagens deste processo.

> Made in India – em turnê 2013-2014

Made in India tem sido um grande sucesso na Escandinávia. O espetáculo foi estreado em Estocolmo, no outono de 2012. Depois de visitar toda a Suécia, em 2013, o show foi apresentado em vários locais na Dinamarca. *Made in India* está agora em turnê. Amrita Pande e Ditte Maria Bjerg querem apresentar o espetáculo em conferências e festivais, como um exemplo de como a arte e a academia podem estimular uma à outra. O espetáculo tem duas horas de duração, incluindo pergunta e resposta encenadas com Amrita Pande que interpreta diversos personagens envolvidos no processo de barriga de aluguel. ■

Correspondências devem ser enviadas para:

Amrita Pande

<amritapande@gmail.com>.

Para mais informações, comentários e imagens:

www.globalstories.net

> Sociologia francesa

na virada do Século XXI

por **Bruno Cousin**, Universidade de Lille 1, França, Membro do Comitê de Pesquisa da ISA sobre Desenvolvimento e Regional e Urbano, e **Didier Demazière**, CNRS e Sciences Po, Paris, França

Nem a sociologia francesa como campo, nem a profissão sociológica como é praticada na França têm sido estudadas sistematicamente como objetos sociológicos. Apesar de outras disciplinas, como a filosofia e a economia, terem sido foco de inúmeras análises (por exemplo, as desenvolvidas sobre economistas por Frédéric Lebaron e Marion Fourcade), não há nenhum exame global da nossa própria disciplina como campo nacional.

No entanto, temos várias monografias ou biografias sobre sociólogos tidos entre as figuras mais criativas, intelectualmente falando, e/ou importantes do ponto de vista organizacional: por exemplo, Georges Friedmann e Georges Gurvitch, que, embora em grande parte desconhecidos pelos leitores não francófonos de hoje, desempenharam papéis fundamentais no estabelecimento da sociologia dentro da academia francesa no pós-guerra, estabelecendo ligações entre os estudantes de Émile Durkheim (Marcel Mauss, Maurice Halbwachs) e as gerações que se seguiram. Além disso, há também muitas peças autobiográficas, ego-histórias ou autoanálises sobre alguns dos sociólogos franceses mais influentes do último meio século: Raymond Aron, Georges Balandier, Luc

Boltanski, Pierre Bourdieu, Michel Crozier, François Dubet, Henri Lefebvre, Henri Mendras, Edgar Morin, Pierre Naville, Gérard Noiriel e Dominique Schnapper, entre outros. Junto com as declarações e reflexões menos formais por parte de outros colegas, as histórias oficiais de certos departamentos e centros de pesquisa, bem como nossas próprias observações diretas, essas referências nos permitem esboçar em linhas gerais a evolução mais ampla da sociologia francesa ao longo das últimas décadas.

A primeira transformação principal é o enfraquecimento progressivo das oposições entre escolas de pensamento e sua substituição por uma organização mais temática dos estudiosos. Enquanto as escolas de pensamento eram organizadas em torno de um forte paradigma teórico, de um estudioso e de um centro de pesquisa, quase sempre, em Paris, a organização temática favoreceu a colaboração entre especialistas de um determinado tópico. Hoje, por exemplo, não há equivalente ao quadrunvirato outrora dominante de Bourdieu-Touraine-Crozier-Boudon, que estruturou a maior parte do campo sociológico francês a partir de meados da década de 1970 até a segunda metade da década de 1990 (ou seja, durante o período que se seguiu ao declínio acadêmico do

materialismo histórico e do sucesso do estruturalismo). Claro, controvérsias científicas e rivalidades entre os respectivos herdeiros dessas tradições não desapareceram completamente, e outras – novas – formulações teóricas surgiram com forte aceitação nacional e internacional¹. No entanto, hoje em dia, em vez da grande controvérsia teórica, podemos observar, sobretudo, uma reorganização dos debates científicos em torno de grandes temas: sociologia urbana, sociologia econômica, sociologia política, sociologia da educação, sociologia das migrações e etc.

Essa tendência em direção à especialização é impulsionada, em parte, pelo aumento considerável do número de pesquisadores e professores-pesquisadores nas últimas décadas do século XX, tendência que leva os pesquisadores individuais a buscarem diferenciação por intermédio de objetos de pesquisa mais precisos, fomentando a criação ou o reforço de subcampos temáticos, cada um deles tendo agora membros suficientes para garantir certa autonomia. Além disso, um acesso mais fácil à literatura científica de todo o mundo trouxe abertura científica internacional, a despeito das fronteiras entre subcampos também terem sido reforçadas pelos crescentes custos de oportunidade de dominar e estabelecer um diálogo com as refe-



“ não há equivalente ao quadrunvirato outrora dominante de Bourdieu-Touraine-Crozier-Boudon ”

rências internacionais, ou seja, com as literaturas de língua inglesa, que é agora necessário para publicar nos principais jornais franceses – assim como, é claro, em inglês.

Nos últimos 15 anos, algumas das instituições de pesquisa de maior prestígio nas ciências sociais – incluindo Sciences Po e a EHESS (Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, na sigla em francês) – procuraram visibilidade e impacto internacional, o que indiretamente agravou a tendência de fragmentação; da mesma forma, a organização em seções temáticas da Associação Sociológica Francesa (criada em 2002) diretamente reforçou esta tendência². Além disso, especializações temáticas são em grande parte compatíveis com o interesse generalizado na academia francesa pela interdisciplinaridade no âmbito das ciências sociais e humanas, de acordo com o projeto duradouro da *École des Annales* de unificá-las. Finalmente, essa evolução também é incentivada pelas diversas instituições que buscam especialização setorial.

De fato, desde o início do século XXI, os três papéis geralmente adotados por sociólogos franceses – estudiosos dedicados à investigação, conselheiros para os tomadores de decisão e/ou intelectuais críticos – passaram por várias mudanças. O primeiro papel deveria ser reforçado por recentes reformas para tornar a pesquisa francesa internacionalmente mais “competitiva”. No entanto, a escassez de postos de investigação e ensino-pesquisa (ver texto de Musselin nesta edição da *Diálogo Global*), a generalização do fi-

nanciamento de pesquisa por meio de chamadas públicas competitivas e a expansão de um aparelho burocrático de avaliação gerencial, além dos inúmeros casos de revisão por pares (ver texto de Lebaron nesta edição), reduziram a autonomia individual e coletiva dos sociólogos, bem como de estudiosos de outras disciplinas.

Ao mesmo tempo, o papel dos sociólogos franceses como assessores não aumentou. Embora muitos participem de comissões nacionais e locais de consultoria, em grupos de reflexão ou em operações de comunicação intelectual ou com objetivo de estruturar debates públicos, os sociólogos têm pouco impacto sobre o desenvolvimento real das políticas públicas. Sua experiência é muitas vezes tratada como complemento (limitado) das análises desenvolvidas internamente por tecnocratas bem situados no governo (enquanto que a principal escola responsável pela formação desses funcionários públicos, a *École Nationale d'Administration*, dá pouca atenção à sociologia), além de a economia ser considerada uma ciência muito mais legítima e eficaz de governo. Contudo, em alguns casos, tanto no setor público, quando confrontados com “questões sociais”, como no setor privado, quando relacionados com a gestão de recursos humanos, consideraram-se as perspectivas sociológicas necessárias (ver texto de Neyrat nesta edição).

Finalmente, as dimensões críticas da sociologia francesa – sua capacidade de denunciar a desigualdade e os mecanismos de exploração, domi-

nação, discriminação e reprodução social, bem como sua capacidade de dotar os movimentos sociais de ferramentas conceituais e alternativas para a ordem social atual – também têm mudado nos últimos anos. Desde a morte de Pierre Bourdieu, em 2002, nenhum cientista social na França alcançou reconhecimento comparável como intelectual crítico. Porém, a tendência para a especialização tem favorecido a multiplicação de sociólogos engajados e coletivos como “intelectuais específicos” (no sentido usado por Michel Foucault), e suas análises e posições políticas muitas vezes vêm sendo exibidas nas páginas de opinião dos principais jornais nacionais, nas críticas de revistas lidas dentro e fora da academia e em coleções de pequenos ensaios. Além disso, na França, assim como em outros lugares, há uma tendência crescente em direção à reflexividade, o que estimula a reflexão sobre as dificuldades de produção do pensamento crítico e da sociologia crítica; às vezes, com impacto sobre a regulamentação da profissão sociológica, como ocorreu quando a associação nacional recusou-se a adotar um código de conduta (ver texto por Pudal nesta edição). ■

Correspondências devem ser enviadas para:
Bruno Cousin
<bruno.cousin@univ-lille1.fr>
e Didier Demazière <d.demaziere@cso.cnrs.fr>

¹ Por exemplo, a sociologia da capacidade crítica e dos regimes de ação desenvolvida por Luc Boltanski e Laurent Thévenot, bem como a teoria ator-rede de Bruno Latour e Michel Callon, que são frequentemente citadas como exemplos renomados de uma “sociologia pragmática” francesa que se prolifera.

² Sobre a Associação Sociológica Francesa, conferir Cousin, B. and Demazière D. (2014) “L'Association Française de Sociologie: A Young and Rallying Organization,” *European Sociologist* 36, pp. 10-11, disponível em http://europeansociology.org/docs/Newsletter/ESA_Newsletter_Summer%202014.pdf

> Carreiras acadêmicas em desaparecimento na França

por **Christine Musselin**, Sciences Po, CSO-CNRS, Paris, França

Os sistemas de ensino superior e de pesquisa na França são caracterizados por uma mistura de três tipos diferentes de instituições: as universidades, que oferecem programas de doutoramento; as instituições de pesquisa nacionais, incluindo tanto o multidisciplinar CNRS (Centro Nacional de Pesquisa Científica, na sigla em francês), quanto os mais especializados, como o INSERM para a biologia ou o INRA para agricultura e agronomia; e as grandes écoles, que treinam a elite industrial, administrativa e econômica francesa – mas que raramente têm doutorandos. Os cientistas sociais franceses, incluindo aqui os sociólogos, trabalham principalmente nas universidades. Alguns postos estão disponíveis no CNRS, que sempre contratou menos pesquisadores do que as universidades, sendo que a diferença tende a crescer: como o número de alunos aumentou, os cargos universitários cresceram substancialmente e sempre muito mais rápido do que as vagas do CNRS. Alguns sociólogos também trabalham em instituições de pesquisa mais especializadas, mas eles são bastante marginais, pois essas instituições não estão focadas nas ciências sociais¹.

Finalmente, alguns sociólogos trabalham em escolas de engenharia ou de negócios. Não temos dados sobre esse último grupo, mas, como sua carreira e salários são específicos para cada escola, esse número se concentra em universidades, onde trabalha a maioria dos sociólogos acadêmicos na França hoje.

Os cargos universitários exigem um doutorado, e os candidatos devem ser reconhecidos como “qualificados” por um organismo nacional estruturado em comitês disciplinares – o CNU, *Comité National des Universités* – a fim de serem au-

torizados a concorrer a uma primeira posição como *maître de conférences* (MCF). É importante notar que na França essas posições são do quadro permanente; historicamente, as universidades francesas não têm “vias condicionais de titularização”, embora recentemente algumas grandes écoles tenham introduzido essa ideia. Entre os 385 doutores em sociologia² que pediram qualificação em 2013, apenas 221 a conseguiram, e muitos deles – juntamente com muitos daqueles que qualificaram durante os três anos anteriores, já que a qualificação é adquirida por quatro anos – competiam para os 27 cargos de sociologia abertos no mesmo ano.

Como o número de vagas oferecidas pelo CNRS é muito baixa (em média, de 5 a 6 por ano), os cargos acadêmicos tocam apenas uma pequena franja dos doutores em sociologia. Em 2012, 6,5% dos recém-qualificados foram recrutados. Os MCF recém-recrutados em 2012, em média, tinham 35 anos de idade, e quase 57% deles eram mulheres. Claramente, muitos doutores “qualificados” ficam esperando nas portas da academia. Como mostrado em estudo recente, os acadêmicos franceses ainda preferem novos colegas jovens, precoces e produtivos, ou seja, colegas com uma trajetória acadêmica linear e que acabaram recentemente seu doutorado. Como consequência, aqueles que não entram rapidamente após seu doutorado e ocupam posições sucessivas de pós-doutoramento são cada vez menos prováveis de se tornarem MCF.

Uma vez MCF, as funções do docente chegam a 192 horas por ano e, em muitos lugares, o recém-chegado é convidado a assumir as aulas de outros que não as querem e, inclusive, a aceitar horas de trabalho bastante significativas. Manter um elevado nível de atividade de pesquisa, e ainda mais ter



“muitos doutores “qualificados” ficam esperando nas portas da academia”

tempo para o demorado trabalho empírico de campo, fica, portanto, muito difícil. Em cidades com alto custo de vida, como Paris, o baixo salário oferecido para MCF – cerca de € 2.500 por mês, depois de alguns anos – incita alguns docentes recém-contratados às horas extras, reduzindo ainda mais o tempo disponível para pesquisa – um padrão que pode explicar por que muitos permanecem como MCF até o final de suas carreiras, nunca se tornando professores de fato.

A promoção para o patamar de professor exige passar por uma *habilitation à diriger des recherches*, uma espécie de segunda tese. Mais uma vez, os candidatos devem ser “qualificados” por um mesmo comitê disciplinar nacional, a fim de se candidatar a um cargo de professor. A taxa de qualificação é bastante alta (67% dos 64 candidatos que solicitaram-na em 2013) e, nos últimos anos, o processo não foi tão competitivo (21 vagas oferecidas para os 42 recém-qualificados em 2013 e para aqueles que se classificaram desde 2010). Em 2012, 30% dos recém-qualificados foram recrutados como professores. Os novos professores de 2012 tinham 47 anos de idade, em média, e quase 41% deles eram mulheres.

O concurso para acesso à profissão acadêmica mostra que ela ainda é atraente para muitos, embora não seja muito bem paga. Os salários variam de € 2.100 por mês para um *maître de conférences* a € 6.000 euros por mês para um professor já muito experiente. A progressão depende, em parte, da antiguidade, porém, ainda mais que isso, de quão rápido, e se, o recém-contratado é promovido a professor; nas ciências sociais, isso geralmente acontece mais tarde do que nas ciências.

A situação de acadêmicos franceses – incluindo os sociólogos – mudou dramaticamente nos últimos anos, com as reformas na gestão das universidades. Os acadêmicos são ainda funcionários públicos com estatuto nacional definido pelo Estado; porém, cada vez mais competências estão sendo delegadas às universidades. Desde 2007, as universidades são responsáveis por sua folha de pagamento, fazendo dos professores funcionários da própria instituição. Ao mesmo tempo, a expansão da avaliação, a pesquisa com base em projetos e o orçamento baseado no desempenho forneceram mais informações para as universidades sobre sua própria equipe e permitiram avaliações mais baseadas no mérito institucional e na recompensa, mudança que aumentou ligeiramente a diferenciação entre aqueles que se adaptam com sucesso às novas regras do jogo e restante. Isso também aumentou as diferenças entre disciplinas, com alguns atendendo às novas demandas com mais facilidade que outros. É muito cedo para dizer se os sociólogos se beneficiarão ou não da descentralização das decisões de financiamento da universidade e dessa situação mais competitiva, mas se trata de uma mudança que deve ser monitorada nos próximos anos. ■

Correspondências devem ser enviadas para: Christine Musselin
<christine.musselin@sciencespo.fr>

¹ Além disso, e ao contrário do CNRS (e do INSERM), os laboratórios de instituições de pesquisa especializadas não estão localizados dentro das universidades, enquanto cerca de 85% dos pesquisadores do CNRS, e quase todos eles das ciências sociais, estão vinculados a unidades de pesquisa filiadas tanto ao CNRS quanto às universidades.

² Todos os números são baseados em estatísticas produzidas pelo Ministério do Ensino Superior e da Investigação: <http://www.enseignementsup-recherche.gouv.fr/pid24586/concours-emploi-et-carrieres.html> (09 de maio de 2014).

> Avaliando

a pesquisa sociológica na França

por **Frédéric Lebaron**, Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines, França

Na França, como em outros lugares, os sociólogos passam grande parte de suas vidas cotidianas avaliando o trabalho uns dos outros, bem como respondendo a inúmeras avaliações. Claro que, dada a forma como a educação superior e pesquisa são organizadas, bem como hábitos intelectuais nacionais, na França essa atividade quase universal toma formas particulares.

> Avaliação dos doutoramentos e acreditação para supervisão de pesquisas

Na França, a tese de doutorado é avaliada de uma forma muito especial. A dissertação em si é longa, geralmente com mais de 300 páginas e, por vezes, mais próxima de 1.000 páginas. Ela é enviada para os potenciais membros do júri - geralmente cinco ou seis membros do corpo docente ou *enseignants-chercheurs*, incluindo o orientador da dissertação. Dois deles devem ser revisores externos ou *rapporteurs* rapporteurs de outras universidades que podem decidir suspender a defesa de dissertação. Se os dois revisores aprovarem a dissertação, cada um dos membros do júri, começando com o orientador, vão comentá-la durante a defesa da dissertação. Eles, então, fazem perguntas para o candidato, um longo ritual que dura mais de três horas. Em seguida, o júri decide se premiará o candidato com as mais altas honras, que é o "*félicitations du jury*," apenas a menção "*très honor-*

able" ou até mesmo uma nota inferior. A primeira requer o acordo unânime do júri, alcançado através de uma votação secreta. Por fim, o presidente do júri elabora um relatório de dissertação ou *rapport de thèse* resumindo o que cada membro do júri disse durante a defesa. Este texto tem um papel decisivo no futuro acadêmico do recém-doutor.

Todos os estudantes de doutorado se esforçam para receber estes "*félicitations du jury*," que são decisivos, mas também bastante arbitrários (e algumas universidades têm, de fato, escolhido abandonar esta prática). Na sociologia, é, portanto, dada maior atenção ao relatório de dissertação. O *rapport de thèse* pode fornecer um relato sintético e bastante preciso da qualidade de uma dissertação, com vários comentários de membros do júri esclarecendo as contribuições do doutorando.

> A avaliação da produção acadêmica (artigos, livros, relatórios)

Ao longo dos últimos anos, a avaliação de artigos de periódicos sofreu mudanças claras. A "normalização" das práticas de avaliação está ocorrendo, de acordo com os padrões internacionais, incluindo anonimato de autor; revisões anônimas e detalhadas por, pelo menos, dois revisores; e retorno razoável e oportuno das revisões e dos artigos. Essas mudanças são impulsionadas pela crescente pressão para

publicar em diferentes estágios de uma carreira acadêmica.

Publicações em inglês ainda são raras em revistas francesas, mas tornaram-se critérios de avaliação essenciais para pesquisadores e instituições - o que tem um impacto óbvio sobre as revistas. Algumas revistas francesas selecionam alguns de seus artigos para serem traduzidos para o inglês, a fim de aumentar a visibilidade do que são considerados os resultados mais originais da sociologia francesa.

A Agência Francesa de Avaliação de Pesquisa e Ensino Superior (AERES, na sigla em francês) publica uma lista de revistas em várias línguas que são consideradas a produção de ponta da disciplina. É claro que, na prática, os julgamentos qualitativos sobre o que são os "principais jornais" persistem e também provocam tensão em torno dessas listas e se certos jornais são "sociológicos", bem como a sua "qualidade".

É importante notar que a publicação de livros continua a ser importante. As teses são frequentemente publicadas como livros, e volumes individuais e coletivos pautam os debates profissionais, assim como o ensino.

> Carreiras e instituições

Posições acadêmicas são baseadas nas avaliações de comissões específicas: "comitês de seleção" para universidades francesas e um "comitê na-



“os indicadores que usamos (...) são largamente insuficientes”

cional” para cargos no Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS). A dissertação e o relatório de dissertação são naturalmente críticos no início deste processo. No entanto, mais importância está sendo dada a publicações em revistas, assim como o ensino e serviço profissional.

É importante distinguir os recorrentes procedimentos de avaliação utilizados por pesquisadores do CNRS ou organizações similares dos que são usados para os professores universitários, que dependem de se um indivíduo é um *maître de conférences* ou um professor, e só se aplicam quando se procura uma promoção. Em ambos os casos, uma comissão nacional composta por representantes eleitos e nomeados realizam avaliações coletivamente; e numerosos debates surgem em torno de critérios de seleção, revistas e etc.

No caso das universidades, o Conselho Nacional de Universidades viu conflitos profissionais acirrados. Embora possa parecer uma ideia geralmente aceita, nem todos os sociólogos consideram necessário estabelecer normas mínimas explícitas para o trabalho empírico ou para a qualidade das publicações. Além disso, a maioria deles se recusa a aplicar normas padronizadas baseadas em bibliometria. Os critérios de avaliação, portanto, compõem um campo complexo, exigindo a adoção de uma perspectiva aberta e multidimensional. Daí a necessidade de continuar um debate permanente e profundo sobre cada componente da nossa profissão: o ensino, a pes-

quisa, a divulgação dos resultados de pesquisas, serviços profissionais e outras responsabilidades profissionais. É claro que, para cada uma delas, diferentes parâmetros necessitariam ser considerados seriamente, e métricas simplificadas não devem ser aplicadas.

Finalmente, centros de investigação ou *laboratoires* são avaliados por AERES, principalmente com base em seus registros de publicações. Outros critérios incluem: funcionamento interno; governança; vivacidade intelectual em termos de organização de seminários etc. Ao contrário de outros países, a França não tem um sistema de classificação nacional, quer para centros de investigação ou departamentos. A classificação aprovada pelo Ministério é baseada em critérios como a colocação profissional dos estudantes. Por isso, está principalmente relacionado com a força dos programas de mestrado profissional.

> Por uma avaliação mais pluralista e abrangente

O futuro desenvolvimento da sociologia francesa, se pretendemos perpetuar uma disciplina rica e inovadora, requer uma noção multidimensional da qualidade de pesquisas e publicações seja difundida no exterior. Para isso, devemos recusar uma hegemonia total do idioma inglês, o que apagaria certas especificidades nacionais. Também devemos recusar o uso da bibliometria como métricas simplificadas e dominantes para a avaliação de pesquisadores e centros de pesquisa. Formas mais refinada e nuançadas de

avaliação devem ser desenvolvidos a fim de aproveitar as características e singularidades das obras sociológicas. É também essencial rejeitar qualquer forma de sectarismo, seja de escolas ou de tradições intelectuais.

São necessários esforços para preservar a vida intelectual da produção acadêmica em línguas nacionais. O intercâmbio entre diferentes línguas deve ser aumentado, o que exige tradução, mas permitiria a difusão do conhecimento em bases mais igualitárias.

Além disso, a atenção a critérios além de publicações nas avaliações individuais e coletivas também é crucial para o futuro de nossa disciplina. A qualidade dos nossos programas de sociologia é fundamental; no entanto, os indicadores que usamos, com base unicamente na colocação profissional dos estudantes, são largamente insuficientes. Embora estes devam ser considerados, eles poderiam ser mais bem medidos e interpretados. Além disso, as contribuições para a vida acadêmica coletiva, a qualidade de “governança democrática”, bem como as condições de trabalho e de carreira acadêmica, particularmente para os jovens contratados com contratos precários, também devem ser levados em consideração. ■

Correspondências devem ser enviadas para:
Frédéric Lebaron
<frederic.lebaron@uvsq.fr>

> A mudança da profissão de sociólogo na França

por **Frédéric Neyrat**, Université de Limoges, França

Desde 1960, a sociologia francesa tem sido objeto de uma espécie de julgamento sobre suas perspectivas profissionais. Com a primeira massificação do ensino superior, o número de alunos matriculados em cursos de sociologia aumentou dramaticamente. Mas, considerada uma “nova” disciplina em comparação com as humanidades, a sociologia despertou dúvidas em termos de aberturas de vagas, num momento em que as oportunidades de trabalho (e, portanto, o conteúdo dos currículos) eram vistas, principalmente, a partir do recrutamento de professores para o ensino secundário. Na verdade, há 50 anos, a sociologia não era ensinada nas escolas secundárias, e mesmo após a introdução das ciências econômicas e sociais em programas escolares, assim como a criação de exames de admissão competitivos para recrutar professores (CAPES, em 1969, e *agrégation* da economia e ciências sociais, em 1977), os vínculos com as grades curriculares de sociologia nas universidades permanecem limitados

Além disso, dúvidas sobre a carreira dos estudantes de sociologia também foram impulsionadas pela política: alguns dos estudantes que protestavam em maio de 1968 eram sociólogos. Aqueles que seguiram Raymond Aron (*The Elusive Revolution: Anatomy of a Student Revolt*, Praeger, 1969) em sua crítica ao “delírio coletivo” da “Revolução de Maio”, viram como sua causa principal as “universidades entulhadas” e a “ausência de perspectivas de emprego” que se seguia – discurso atualizado desde então por jornalistas e políticos. A sociologia tornou-se emblemática da falta de opções de carreira para estudantes universitários de humanidades e ciências sociais - mesmo quando o Centro Francês de Pesquisa sobre Qualificações (CEREQ, na sigla em francês) sugeriu que isto fosse analisado à luz das atuais experiências dos formandos, tanto de licence quanto dos programas de

mestrado em sociologia.

No entanto, é no nível de doutoramento que a colocação profissional de sociólogos é mais interessante; ou melhor, a colocação do sociólogo como profissional, o que pode fornecer *insights* sobre a forma como a disciplina está colocada de modo geral. Pensa-se imediatamente em *enseignants-chercheurs* ou em empregos de professores-pesquisadores, bem como em trabalhos de pesquisa em grandes instituições públicas. Sem dúvida, a sociologia como disciplina foi beneficiada pela segunda grande expansão do ensino superior. Entre 1984 e 2010, o número de vagas de professores-pesquisadores em sociologia cresceu mais rapidamente do que em outras disciplinas: o aumento foi de 302% para a sociologia contra 213% para todas as outras. Todavia, os padrões de crescimento recentes têm sido menos promissores para a sociologia, bem como para outros setores acadêmicos. De um modo geral, a pesquisa na França está em declínio. As contratações dentro da universidade caíram; em menos de cinco anos, o número total de contratações de professores-pesquisadores despencou 25%, passando de 2.000 para 1.500. Da mesma forma, o CNRS diminuiu suas contratações de pesquisadores de 400 para 300 no mesmo período.

Enquanto isso, as condições precárias de trabalho têm se intensificado, tanto na pesquisa quanto nas funções de docência no ensino superior. A maior parte da pesquisa pública na França é financiada por meio de chamadas públicas, ou seja, através da Agência Nacional de Pesquisa (ANR, na sigla em francês). Os cargos de “pós-doc” são criados, mas são precários por natureza. Além disso, as universidades estão tentando atrasar a contratação de professores-pesquisadores efetivos (titulares, ocupando cargos públicos). Quando a lei LRU foi aprovada, em 2007, as universidades



“quase um quarto das universidades (...) está à beira da falência”

foram autorizadas a fazer contratações sob a égide de contratos particulares permanentes para assegurar “ensino, pesquisa ou funções de ensino e pesquisa”. Desde 2012, um número crescente de universidades adotou essa estratégia. Na verdade, as universidades públicas francesas receberam “autonomia”, na medida em que o estado parcialmente foi retirando os financiamentos – como Thomas Piketty mostrou em um artigo recente (ver: *“Faillite silencieuse à l’université,” Libération*, 18 de novembro de 2013). Como resultado, quase um quarto das universidades, incluindo os centros de renome internacional, está à beira da falência e confiando cada vez mais em cargos não-estatutários, que são mais baratos e não levam a contratos de longo prazo.

Felizmente, o futuro dos sociólogos não está circunscrito à esfera acadêmica. Inúmeras instituições de pesquisa e empresas de consultoria, que se valem das habilidades sociológicas, foram criadas ao longo dos últimos anos, impulsionadas pelo aumento da demanda por pesquisas aplicadas e avaliações. Tanto no urbanismo como no planejamento, os estudos preliminares, geralmente conduzidos por equipes interdisciplinares, são obrigatórios. Dependendo da importância e dos objetivos de um determinado projeto, os sociólogos podem ser incluídos como parte da equipe. Isto é especialmente relevante nos “projetos de renovação urbana”, sobretudo quando as “zonas urbanas sensíveis” (ZUS, na sigla em francês) estão envolvidas. Os gerentes de programas exigem avaliações de impacto de projetos de planejamento em termos da mistura urbana entre os diferentes grupos sociais.

Outro mercado para empresas de pesquisa e consultores independentes é o da avaliação de políticas públicas. Por exemplo, em relação aos cuidados de saúde, os sociólogos são convidados a avaliar as políticas de trabalho de cuidadores de idosos. Da mesma forma, as políticas de educação, políticas culturais ou sociais são objetos frequentes de avaliações periódicas solicitadas por diferentes autoridades estatais. Finalmente, as empresas muitas vezes também solicitam pesquisas sobre os seguintes temas: avaliação de riscos

psicossociais (estresse, assédio, suicídio etc.), organização do trabalho (reorganização, medidas de enxugamento, realocação etc.), promoção da igualdade de gênero e o combate à discriminação dentro de empresas.

Os sociólogos não são os únicos profissionais no mercado de pesquisa e de consultoria sobre tais temas. Os estudos são muitas vezes interdisciplinares. Além disso, os sociólogos estão em concorrência com outros profissionais, que se dizem sociólogos - o título não é protegido na França. No entanto, o aumento da especialização está trazendo alguma proteção profissional, por exemplo, através da criação de programas de mestrado profissional voltados tanto para o ensino de habilidades sociológicas quanto para um setor específico. Dominar as habilidades quantitativas e qualitativas parece ser algo altamente valorizado e desejado, e um forte complemento para áreas de atuação individuais mais específicas (urbana, saúde ou políticas sociais e etc.).

Alguns sociólogos que trabalham em empresas de pesquisa têm diplomas de doutorado e decidiram de forma temporária ou definitiva deixar a academia dada a condição do mercado de trabalho acadêmico. Porém, há fortes laços entre os dois. Alguns professores e pesquisadores apoiam essas empresas por intermédio da participação em seus comitês científicos. Da mesma forma, os sociólogos que trabalham em empresas de pesquisa também podem assumir cargos de ensino nas universidades.

Por fim, os sociólogos não são apenas aqueles que ensinam e realizam pesquisas sociológicas, dentro ou fora da academia: devemos ser capazes de considerar todos os profissionais que foram treinados em sociologia, em algum momento de suas carreiras, uma vez que eles trazem um “olhar sociológico” às suas profissões. Infelizmente, não temos os dados para a elaboração de uma discussão sobre isso em escala nacional. ■

Correspondências devem ser enviadas para: Frédéric Neyrat
<frederic.neyrat@gmail.com>

> Por que não há um “protocolo de pesquisa envolvendo seres humanos” para sociólogos franceses?

por **Romain Pudal**, CNRS (CURAPP-ESS), Amiens, França

Ao contrário das associações de sociologia de outros países, a Associação Sociológica Francesa (AFS, na sigla em francês) decidiu não adotar um código de conduta para a profissão sociológica durante sua reunião em 2011 – decisão que veio depois de vários anos de debate, em que a AFS criou grupos de trabalho e examinou os códigos existentes em outros países, especialmente na América do Norte, a fim de preparar os primeiros esboços que provocaram muito debate.

A questão de se a sociologia francesa deveria adotar um “código deontológico” ou um “protocolo de pesquisa envolvendo seres humanos” foi inicialmente levantada por um grupo de sociólogos que trabalham para empresas privadas, órgãos públicos e outras organizações fora da academia, onde existem códigos de conduta para a maioria das profissões. Os rascunhos de um código deontológico para os sociólogos foram baseados em: códigos de conduta traçadas por outras associações sociológicas, consultores, profissionais de saúde e cientistas experimentais que buscam informar e proteger seus sujeitos de pesquisa.

Os debates sobre o tema foram acalorados desde o início – inclusive em 2009, quando Michael Burawoy deu uma palestra no 3º Congresso da AFS em Paris, sobre seu projeto *The Colour of Class on the Copper Mines: From African Advancement to Zambianization* (Manchester University Press, 1972). Ele explicou que sua pesquisa sobre a discriminação racial na Zâmbia teria sido impossível se ele tivesse sido absolutamente “transparente” sobre seus objetivos para os atores sociais em questão. A palestra reforçou as posições daqueles que se opunham à adoção de um código de conduta para regulamentar a profissão sociológica.

Dois anos depois, uma proposta final para o código de conduta foi apresentada e debatida durante o 4º Congresso da AFS em Grenoble (<http://www.afs-socio.fr/sites/default/files/congres09/FormCharte.html>). A proposta tinha duas partes. A primeira parte, que recebeu amplo apoio, focava em “boas práticas” para a profissão, incluindo os direitos e responsabilidades dos estudantes de doutorado e seus orientadores; condenando o plágio; alertando para a exploração, o aumento da precariedade, o assédio e outras formas de sofrimento no trabalho que surgem tanto no ensino superior quanto na pesquisa. No entanto, também houve muitas críticas em relação à baixa efetividade do código para resolver divergências. Seria preciso criar algum tipo de conselho disciplinar para a sociologia? Quem faria parte desse conselho e como seria garantida sua legitimidade? Como ele seria? Que meios ele teria à sua disposição para agir e aplicar punições? Será que a AFS excluiria um colega julgado “culpado” de determinado “abuso”? Essas questões destacavam dificuldades em chegar a acordos, tanto sobre os princípios que regulamentam a profissão sociológica, como sobre as potenciais ações disciplinares. Além disso, mesmo em caso de aprovação de um código de conduta, não haveria meios de imposição legal.

A segunda parte da proposta – contendo um conjunto de “boas práticas” para a pesquisa nas ciências sociais – foi mais fortemente criticada. Em particular, o seguinte parágrafo causou muitas hesitações e desentendimentos:

“Os sociólogos têm a responsabilidade de explicar claramente suas pesquisas para os indivíduos que delas participam. A fim de entender completamente por que eles estão sendo convidados a participar de um determinado projeto, os indivíduos devem ser informados do seguinte:

“A liberdade de investigação sociológica foi reafirmada”

tema de pesquisa; objetivo; quem é responsável pelo projeto; quem está conduzindo a pesquisa; quem a financia; como os resultados serão compartilhados e usados. Os sociólogos não podem usar instrumentos de registro de dados (gravadores de áudio, câmeras etc.) sem o consentimento dos participantes da pesquisa. Quando vão gravar ou filmar uma situação, devem dizer aos participantes da pesquisa por que o estão fazendo.”

Aqueles que aprovaram as regras descritas acima se inspiraram em disciplinas como a medicina, a biologia ou a psicologia. Eles pediam maior transparência na investigação sociológica e proteção dos sujeitos de pesquisa, particularmente em termos de garantir o uso correto de suas informações ou de outros dados recolhidos pelos sociólogos. Tão elogiáveis quanto esses princípios podem parecer, eles rapidamente provocaram debates e controvérsias resumidos em um volume editado por Sylvain Laurens e Frédéric Neyrat, *Enquêteur : de quel droit ? Menaces sur l'enquête en sciences sociales* (Éditions du Croquant, 2010).

Aqueles que se opuseram à adoção de um código de conduta se centraram na defesa da “pesquisa secreta”: pesquisa em que os participantes desconhecem total ou parcialmente o propósito de um projeto de pesquisa ou o status de um pesquisador como sociólogo. Alguns dos exemplos mais famosos são clássicos nas ciências sociais. A obra de Michael Burawoy citada acima é um exemplo, juntamente com a pesquisa de Donald Roy em trabalho de fábrica; o livro de Paul Willis *Learning to Labor: How Working Class Kids Get Working Class Jobs* (Columbia University Press, 1977); ou a peça polêmica de Laud Humphreys sobre as “salas de chá”. Muitos argumentaram que esse tipo de pesquisa deve continuar sem as limitações que um código de conduta traria, especialmente se o código for aplicado por membros do Conselho Institucional de Avaliação, que não são so-

ciólogos. Em vez disso, a liberdade dos sociólogos deve ser mantida por meio exclusivamente da avaliação por pares do trabalho sociológico – em suas dimensões metodológicas, teóricas e éticas. Todos esses pontos foram levantados como imperativos para a pesquisa sociológica.

Em suma, uma vez que essas questões foram levantadas, as respostas tornaram-se cada vez mais claras. Será que vamos ser capazes de realizar pesquisas sobre discriminação institucional, corrupção na política, na economia ou no jornalismo, sobre o poder tal qual ele funciona no gabinete de um ministro, entre gerentes ou nos mundos sociais isolados das elites evasivas se tivéssemos que respeitar as restrições de pesquisa imposta por tal código de conduta? A resposta é óbvia: não.

Apesar dos debates, o parágrafo acima mencionado foi mantido na proposta do código, suscitando crescente hostilidade dos sociólogos franceses que defendem a investigação secreta. Todos concordaram que as questões éticas, deontológicas e epistemológicas devem ser levantadas. No entanto, a idéia de que a AFS pudesse adotar um código deontológico que prejudicasse a investigação foi visto como uma submissão a injunções político-administrativas inadmissíveis, gerando um impasse para o trabalho sociológico.

Assim, o código foi rejeitado. A liberdade de investigação sociológica foi reafirmada. Os sociólogos franceses lembraram-se uns aos outros que parte de seu trabalho é desmascarar as múltiplas desigualdades e formas de dominação que operam no mundo social, por meio de suas pesquisas que, em qualquer caso, precisam ser submetidas à revisão por pares antes de serem publicadas. ■

Correspondências devem ser enviadas para: Romain Pudal
<romain.pudal@free.fr>

> Onde está a Sociologia? as mudanças ambientais globais e as ciências sociais

por **Stewart Lockie**, Universidade James Cook, Austrália, ex-presidente do Comitê de Pesquisa sobre Meio Ambiente e Sociedade (RC24) da ISA

O potencial não-realizado da sociologia em face aos desafios ambientais globais. ilustração por Arbu.

Sociólogos muitas vezes se queixam de que o potencial de nossas contribuições para a pesquisa e para a governança ambiental é ignorado; de que a participação em avaliações-chave e processos de elaboração de políticas públicas se inclina em direção às ciências naturais; e que, quando somos consultados, geralmente é para responder a perguntas limitadas sobre “impactos sociais”, ou “barreiras para a adoção”. Ainda mais provocativamente, vemos cientistas não-sociais – pessoas como biólogos e engenheiros – popularizarem quadros para conceituação das dimensões sociais da mudança ambiental retirados diretamente de ecologia de sistemas e cibernética.

Como podemos explicar esta aparente indiferença frente ao conhecimento e a visão sociológica? O preconceito disciplinar certamente explica parte disso, mas as perguntas inconvenientes que os sociólogos fazem sobre poder, desigualdade e democracia, penso eu, explicam mais. Mas quanto da explicação encontra-se realmente conosco? Com o conhecimento que produzimos? Com o público que tentamos envolver?

De acordo com o Conselho Internacional de Ciências Sociais (ISSC, na



sigla em inglês), a resposta é “bastante”. A cada três anos, o ISSC publica um relatório com o estado da arte sobre os desafios críticos e as tendências nas ciências sociais. O Relatório das Ciências Sociais Mundiais de 2013, *Changing Global Environments*, resume os compromissos de várias disciplinas das ciências sociais com a mudança ambiental global, e articula uma agenda para incrementar as contribuições das ciências sociais para os desafios apresentados pela mudança ambiental¹.

Changing Global Environments inclui contribuições de organizações disciplinares, como a ISA, e iniciativas de pesquisa social interdisciplinares, tais como o Programa Internacional das Dimensões Humanas nas Mudanças Ambientais. Superficialmente, o número e a amplitude das atividades mencionadas ao longo do relatório é impressionante. Mas embora a mudança ambiental global esteja profundamente implicada em numerosas crises políticas e econômicas, ela não foi capaz de capturar a atenção do *mainstream* científico das ciências sociais.

A análise bibliométrica é utilizada em *Changing Global Environments* para argumentar que os sociólogos têm praticamente se ausentado em relação à pesquisa sobre mudanças ambientais. Uma busca por artigos utilizando os termos “mudança climática”, “política climática”, “mudança ambiental”, “desenvolvimento sustentável”, “biodiversidade” e etc. no banco de dados da Thompson Reuters Web of ScienceTM sugere que, embora um número crescente de artigos refiram-se à mudança ambiental global, estes continuam a ser uma pequena porcentagem da produção total de pesquisa sociológica.

Creio, no entanto, que a análise bibliométrica sistematicamente subestima a amplitude na qual os sociólogos – como pesquisadores, professores e, sobretudo, como cidadãos – abordam as questões ambientais e de sustentabilidade. Um breve olhar sobre as Comissões e os Grupos de Pesquisa

da ISA na área revelam prósperas comunidades de estudiosos que contribuem para todos os tipos de projetos, debates, processos políticos e, aliás, organizações de movimentos sociais e grupos comunitários; sociólogos contribuem regularmente para e assumem papéis de liderança em periódicos multidisciplinares, como *Global Environmental Change* e *Local Environment*. Além disso, muitos experimentos em pesquisas multidisciplinares, participativas e de pesquisa-ação – especialmente no Sul Global – nunca passaram pelos filtros da avaliação por pares e fatores de impacto dos periódicos que regulam o acesso à chamada Web of ScienceTM – um problema que o Comitê de Pesquisa sobre o Meio Ambiente da ISA está esperando resolver com o desenvolvimento de sua nova revista, a *Environmental Sociology*, a ser lançada no início de 2015.

Todavia, a *Changing Global Environments* oferece questões úteis para expandir a influência das ciências sociais². Esses “pilares transformadores” – ou seja, questões científicas sociais fundamentais que devem ser respondidas a fim de conduzir às transições éticas e justas para a sustentabilidade – incluem:

1. Complexidade histórica e contextual: como os processos contemporâneos de mudança ambiental global são impulsionados por economias políticas específicas? Como eles se cruzam com outros processos, como migração e conflito? Como as experiências de mudança ambiental diferem em relação a espaço, tempo, classe, gênero, etnia, religião e etc.?

2. Consequências: como a mudança ambiental global impacta as pessoas e as comunidades? Como esses impactos são distribuídos? Como as pessoas lidam, adaptam-se e inovam em resposta às mudanças ambientais?

3. Condições e visões para a mudança: o que impulsiona a mudança individual e coletiva? Qual é a relação

entre a mudança social, a intervenção das políticas públicas e os processos democráticos? Como as ciências sociais podem contribuir para a construção de um consenso sobre a mudança socialmente desejável?

4. Interpretação e formação de subjetividade: como as pessoas entendem as mudanças ambientais e que perspectivas existem para melhorar a aprendizagem social? Quais são os pressupostos e pontos cegos subjacentes às escolhas e comportamentos das pessoas? Por outro lado, o que impulsiona a indiferença, o ceticismo e a resistência à mudança transformadora?

5. Responsabilidades: quem deve bancar o custo da ação para enfrentar as mudanças ambientais? Como populações vulneráveis podem ser assistidas tanto para contribuir quanto para se beneficiar das respostas às mudanças ambientais?

6. Governança e tomada de decisões: como são tomadas as decisões em face da incerteza? Como diferentes enquadramentos de processos e problemas ambientais podem auxiliar um acordo político? Que tipos de arranjos institucionais facilitam o diálogo entre formuladores de políticas, cientistas e outros?

O objetivo aqui não é desenvolver uma modesta agenda aplicada para o desenvolvimento de uma ciência social relevante para as políticas públicas, mas tornar as ciências sociais “mais ousadas, melhores, maiores e diferentes”. O que se pretende são ciências sociais capazes de: reenquadrar a mudança ambiental como um processo social; influenciar as agendas políticas e participar da resolução de problemas do mundo real; envolver cientistas sociais nos desafios da mudança ambiental global; e garantir a reflexividade na prática da ciência social³.

Essa não é uma visão sem reflexão e inovação teórica, mas uma visão em que o trabalho conceitual responde a perguntas feitas por transformação e



por meio da interação com outras disciplinas e partes interessadas. Muitos sociólogos e colegas das ciências sociais já estão fazendo exatamente isso – como *Changing Global Environments* e outros exemplos demonstram⁴. Karen O'Brien, por exemplo, defende o desenvolvimento de perspectivas mais profundas sobre a mudança ambiental global, integrando sistemas científicos da Terra com entendimentos mais sofisticados de ação humana como reflexiva e não-linear⁵. John Urry examina as possibilidades incorporadas no comportamento de consumo reflexivo para estimular a inovação e inverter a intensificação do uso de materiais e energia⁶. No outro extremo da escala social, Alberto Martinelli propõe um modelo de governança global, em que os estados democráticos, as organizações supranacionais, as empresas responsáveis, as ONGs e os movimentos coletivos trabalhem com as comunidades científicas e de pesquisa para garantir, a tomada de decisão democrática robusta teórica e empiricamente⁷. Vários autores olham para a dinâmica de aprendizagem coletiva em relação à justiça ambiental e social⁸.

Esses exemplos estão em forte contraste com o que eu chamo de "sociologia autorreferencial", isto é, o trabalho teórico sem pontos significativos de referência além de escritos semelhantes em teoria social. A linguagem obtusa e a abstração complexa muitas vezes escondem o que, em uma verificação mais próxima, se percebe como premissas simplistas e empiricamente

infundadas. Ir além da sociologia autorreferencial exige – coletivamente, se não sempre individualmente – "sujar as mãos." Isso nos obriga a colaborar com outros, cocriar conhecimento e contribuir para uma mudança social positiva. Esta não é simplesmente uma questão de ética (algo tão importante), mas de validade. A multidisciplinaridade, a integração e a colaboração são epistemologicamente necessárias para que a pesquisa sociológica contribua com processos dinâmicos de transformação social e ambiental.

Os caminhos para uma participação significativa na mudança social e ambiental ou em programas de pesquisa relacionados nem sempre são óbvios. Algumas vias apresentam riscos profissionais e pessoais. Alguns são inacessíveis. *Changing Global Environments* destaca alguns caminhos que surgiram para um maior envolvimento das ciências sociais, incluindo, notavelmente, *Future Earth*, uma iniciativa de dez anos desenvolvida através do ISSC, do Conselho Internacional para a Ciência (ICSU), da UNESCO, do Grupo Belmont e de outros⁹. Encorajo vivamente qualquer pessoa interessada em pesquisa sobre mudanças ambientais globais que recebam as atualizações do boletim de notícias da *Future Earth*, comentar as propostas e considerar a participação – ou mesmo iniciar – atividades afins. Como *Changing Global Environments* argumenta, concretizar o potencial de empreendimentos colaborativos como *Future Earth* exige que os cien-

tistas sociais façam perguntas sobre poder, desigualdade e democracia de forma sofisticada e construtiva. Posso não concordar que os sociólogos estejam de fora das pesquisas sobre mudanças ambientais globais, mas eu não poderia estar mais de acordo de que é preciso, no entanto, desenvolver sociologias que sejam mais ousadas, melhores, maiores e, talvez, até mesmo diferentes. ■

Correspondências devem ser enviadas para:
Stewart Lockie
<stewart.lockie@jcu.edu.au>

¹ ISSC and UNESCO (2013) *World Social Science Report 2013: Changing Global Environments*. OECD Publishing and UNESCO Publishing, Paris. Disponível em http://www.oecd-ilibrary.org/social-issues-migration-health/world-social-science-report-2013_9789264203419-en

² Essas questões foram primeiramente exploradas em: Hackmann, H. and St. Clair, A. (2012) *Transformative Cornerstones of Social Science Research for Global Change*. International Social Science Council, Paris. Disponível em: http://www.igfagcr.org/images/pdf/issc_transformative_cornerstones_report.pdf

³ Veja especialmente Moser, Hackmann and Caillods, Capítulo 2, "Global environmental change changes everything: Key messages and recommendations."

⁴ Veja, por exemplo, Lockie, S., Sonnenfeld, D. and Fisher, D. (eds) (2014) *The Routledge International Handbook of Social and Environmental Change*. Routledge, London.

⁵ Capítulo 4, "What's the problem? Putting global environmental change into perspective."

⁶ Capítulo 53, "Are increasing greenhouse gas emissions inevitable?"

⁷ Capítulo 83, "Global governance and sustainable development."

⁸ Por exemplo, J. David Tabara (Capítulo 11, "A new vision of open knowledge systems for sustainability: Opportunities for social scientists"), Witchuda Srang-iam (Capítulo 76, "Social learning and climate change adaptation in Thailand"), and Godwin Odok (Capítulo 79, "The need for indigenous knowledge in adaptation to climate change in Nigeria").

⁹ <http://www.futureearth.info/> e <http://www.icsu.org/>

> Cobre, água e terra

Mineração em Piedra Alta, Peru

por **Sandra Portocarrero**, Universidade Nacional de San Marcos, Lima, Peru



Comunidades indígenas do Peru marcham em protesto: “Chega de mineração, basta de roubos, basta de contaminação”.

Nos últimos anos, a economia peruana tem feito avanços significativos, com taxas dinâmicas de crescimento do PIB e inflação e dívidas baixas, mantendo taxas de câmbio estáveis. De acordo com o Fundo Monetário Internacional, o Peru é uma *rising star*, como um mercado emergente conhecido por seu forte crescimento e baixa vulnerabilidade.

Porém, quando e por que os pobres rurais tornam-se politicamente ativos em um país com excelentes indicadores macroeconômicos? O Peru tem a segunda maior reserva de cobre conhecida no mundo, e a mineração desempenha um papel dominante na economia peruana, uma vez que o setor atrai grandes investimentos estrangeiros. A taxa de crescimento real do PIB do Peru deverá ser de 5,3% até o final de 2014, e esse crescimento deverá manter-se firme a uma taxa média anual de 5% entre 2014 e 2017. No entanto, surpreendentemente, o principal fator que ameaça retardar o crescimento é a agitação social em reação a projetos de mineração: os atrasos nos projetos podem diminuir a confiança empresarial, o que poderia, por sua vez, ameaçar o investimento previsto de 53,4 bilhões dólares no setor de mineração nos próximos dez anos.

Nos últimos seis meses, tenho trabalhado como sociólogo na segunda maior empresa de mineração de cobre no Peru. Localizado na região mais árida do Peru, no departamento de Tacna, a empresa, que atualmente pertence a mexica-

nos e é gerida por eles, começou a operar no sul do Peru na década de 1960. Eu moro em um campo de mineração isolado a cerca de duas horas de carro do centro urbano mais próximo, em um confortável apartamento de dois quartos com ar condicionado, água quente, Wi-Fi e televisão a cabo. Eu tenho acesso a um clube de golfe, uma piscina aquecida, quadras de tênis, academia e centros de recreação. Os trabalhadores das minas que trabalham na divisão de operações não estão autorizados a utilizar essas instalações, uma vez que estes são mantidos para os trabalhadores administrativos privilegiados, como eu.

Eu trabalho seis dias por semana, durante cerca de 12 horas por dia, em uma indústria considerada por muitos como a solução do Peru para a pobreza. Meu trabalho me permite conhecer as áreas de influência direta e indireta. As áreas de influência direta são os locais onde as operações de mineração estão geograficamente localizadas; o ambiente dessas áreas é diretamente afetado pelas instalações e atividades do projeto. As áreas de influência indireta são as áreas geográficas fora das operações, mas ambientalmente afetadas pelo projeto de mineração.

Meu trabalho me permitiu perceber o fato de que a riqueza das operações de mineração trazida para os governos locais e nacional não tem sido uniformemente distribuída para todas as partes interessadas, não atingindo especialmente os agricultores locais. Uma das muitas perguntas que surgiram



a partir de meu tempo no campo é como comunidades pobres – às vezes vivendo apenas 50 milhas de distância de projetos de mineração multimilionários - respondem às mudanças da paisagem do Peru? A comunidade que chamei de Piedra Alta oferece mais uma demonstração de que o deslocamento é o outro lado do crescimento econômico dinâmico do Peru. A falta de água na árida região litoral sul do Peru tem levado milhares de famílias de agricultores a ocupar áreas onde possam ter acesso à água para suas plantações, embora essas ocupações sejam muitas vezes ilegais. Piedra Alta é uma dessas comunidades.

Em 2001, com a ajuda de ativistas políticos e depois de confrontos repetidos com a polícia, um grupo de cerca de aproximadamente 600 famílias de agricultores ocuparam cerca de 10.000 hectares de terras do Estado, na esperança de se beneficiarem da filtração de água de uma barragem de rejeitos criada para os resíduos de mineração. As famílias de Piedra Alta vieram das montanhas de Tacna e das províncias vizinhas áridas, como Arequipa, Cusco, Moquegua e Puno.

Inicialmente, a maioria das famílias ocupou esta terra apenas para fins agrícolas, trabalhando a terra três vezes por mês. Como chegar a Piedra Alta pode levar até cinco dias, e porque as batidas policiais para expulsar os camponeses ocorriam em dias aleatórios, as famílias decidiram ficar permanentemente, transformando Piedra Alta em sua nova casa. Em entrevistas, muitos moradores descreveram a ocupação desta terra como uma marca de seus “talentos empresariais”, porque eles não apenas estão usando água que seria despejada no oceano, mas também estão investindo em infraestrutura. Logo após a ocupação da terra, essas famílias se organizaram e financiaram um canal de irrigação de seis milhas, que permite o fluxo de até 1.000 litros de água por segundo. O Ministério da Saúde do Peru considera esta água potável para a irrigação de culturas.

Ironicamente, as barragens de rejeitos são muitas vezes o problema ambiental mais significativo para uma empresa de mineração, mas esta barragem tornou-se a única opção

de sobrevivência para esses camponeses. Depois de tentarem diferentes culturas ao longo de muitos anos, com resultados mal sucedidos por causa dos altos níveis de salinidade do solo e da água, os moradores de Piedra Alta dominaram o cultivo de orégano, que ocupa 70% do terreno, tara (uma pequena árvore leguminosa nativa) e azeitonas.

Esse sucesso agrícola tem andado de mãos dadas com um tedioso processo de legalização. Dado o quadro jurídico complexo, os procedimentos legais envolvidos na desapropriação oficial desta terra levaram mais de uma década. Em outubro de 2013, o Município de Cerro Colorado, que é a província onde Piedra Alta está localizada, declarou Piedra Alta uma comunidade oficial. Isso significa que a comunidade pode agora legalmente se organizar, eleger o seu prefeito e receber uma porcentagem dos *royalties* da mineração atribuídos a cada região.

Os maiores desafios, no entanto, ainda estão por vir. A mineradora em breve expandirá a sua principal fábrica concentradora, dobrando a produção de cobre e usando muito mais água. O plano ambiental apresentado às autoridades estatais peruanas confirma que a mina não vai usar mais água doce a partir de bacias hidrográficas. Em vez disso, a água da barragem de rejeitos será reciclada. Esta é uma boa notícia para os ambientalistas, mas não para os moradores de Piedra Alta. O que vai acontecer quando a água tratada parar de fluir, porque a água está sendo reutilizada para operações de mineração? Apesar de serem uma comunidade oficial agora, as leis peruanas lavam as mãos de toda a responsabilidade quando se trata de direitos de água. Como resultado, muitos conflitos sociais peruanos em todo o setor de mineração estão especificamente relacionados com os recursos hídricos. Além disso, a corrupção generalizada no governo regional do Peru, incluindo esta região, mina a confiança dos camponeses: nada garante a estas pessoas o direito de viver e trabalhar nesta terra pela próxima década. ■

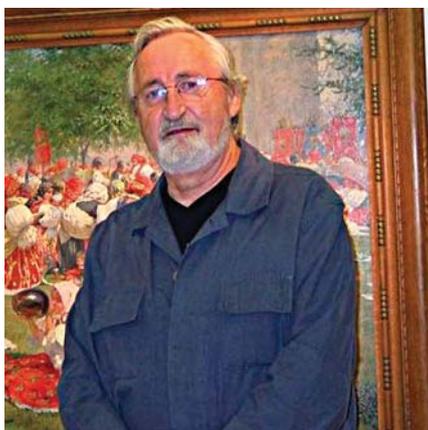
Correspondências devem ser enviadas para: Sandra Portocarrero <svnp86@gmail.com>

> Internacionalização e cultura avaliativa o caso da sociologia tcheca

por **Martin Hájek**, Universidade de Charles, República Tcheca



Jiří Musil (1928-2012), sociólogo urbano internacionalmente reconhecido, falando em frente ao retrato de T.G. Masaryk, o primeiro presidente da Tchecoslováquia.



Miloslav Petrušek (1936-2012), famoso sociólogo tcheco que enfatizou questões “locais”.

A cultura avaliativa e a ênfase na competitividade afetam universidades e instituições científicas em muitos países, incluindo a República Tcheca. Suas implicações para as carreiras acadêmicas, para as disciplinas científicas e para as estratégias de publicação foram repetidamente analisadas¹. No entanto, sabe-se menos sobre o impacto da cultura avaliativa em comunidades sociológicas pequenas que usam línguas nacionais locais. E não apenas porque elas são relativamente marginais para a Sociologia como um todo, mas também porque as consequências de se avaliar não são sempre unívocas. A avaliação pode tanto ter efeitos benéficos quanto prejudiciais. Uma consequência positiva pode ser que ela estimula cientistas a entrar na comunidade internacional, liberando-os de limitações locais. Por outro lado, entretanto, esses processos podem desvalorizar as comunidades científicas locais e a sociologia local, em geral. É essa tensão que gera fervorosos defensores e oponentes da cultura da avaliação no interior da academia – inclusive na República Tcheca.

Em países pequenos como a República Tcheca, que tem dez milhões de habitantes, partidários da avaliação e da competição geralmente defendem que apenas a comunidade internacional pode julgar com imparcialidade o que constitui e o que não constitui uma boa produção sociológica. Eles argumentam que uma comunidade científica de apenas umas cem pessoas é necessariamente paroquial e provavelmente se dividirá em grupos

opositores e coalizões temporárias em competição por recursos limitados. Os partidários de padrões internacionais afirmam que tais condições dificultam qualquer forma de avaliação de qualidade baseada em revisão por pares em nível nacional, já que, ao invés de promover a qualidade científica, essa forma de avaliação simplesmente reproduz a estrutura de poder do campo disciplinar local.

Em contraste, os opositores da internacionalização e padronização dos critérios avaliativos enfatizam a importância do contexto local no desenvolvimento do campo, argumentando que uma mudança na direção de editores e revisores internacionais privilegia questões globais em detrimento das locais. Defendem que, para que uma questão local se torne reconhecida internacionalmente, sua formulação precisa ser transformada em uma formulação globalmente compreensível, o que significa, com frequência, mudar os significados culturais ou, às vezes, até perder de vista o fenômeno particular em questão. O que pode ser considerado verdadeiro para as ciências naturais – que, salvo exceções, não especificam questões locais – não pode ser aplicado às ciências sociais, nas quais as questões locais são predominantes (ou, pelo menos, têm sido até recentemente).

Como em muitas disputas calorosas, ambos os lados estão certos e ambos os aspectos – nacional e internacional – devem ser considerados ao aferir a qualidade das pesquisas. Em comunidades disciplinares grandes



e que se comunicam em um dos principais idiomas do mundo, esse modelo balanceado é razoavelmente prático porque as dimensões locais e globais do fazer sociológico estão suficientemente intrincadas. Mas em comunidades pequenas que não se comunicam num desses idiomas, promover medidas internacionais padronizadas como critério principal – ou mesmo o único – pode enfraquecer o uso dos idiomas nativos como meio de comunicação. Por quê? Porque os autores que buscam contribuir com a disciplina não apenas na arena internacional, mas também no interior da comunidade local (ex.: República Tcheca), são obrigados a escrever textos em dois modos – em inglês e em tcheco, respectivamente. Os textos em tcheco são lidos apenas por seus colegas que usam o idioma, então seu impacto permanece inteiramente local. Nos textos escritos em inglês, por outro lado, os autores precisam adaptar seu trabalho para públicos internacionais, muitas vezes diminuindo o interesse para a comunidade sociológica tcheca. Isso cria um modo dual de escrita, que podemos denominar sociologia *localmente direcionada* e *globalmente direcionada*, respectivamente. Pode parecer que o problema é só de linguagem ou tradução, mas não é; seu significado é mais profundo porque afeta as escolhas quanto a assuntos de pesquisa e as estratégias de publicação dos acadêmicos locais.

Suponho que alguns leitores balançarão a cabeça, resmungando: “Não há nada de novo aqui. Essa dupla via, nacional e internacional, sempre existiu.” Eu concordo. Entretanto, até recentemente essa questão envolvia apenas uma parte da comunidade sociológica – e cada sociólogo podia escolher seu caminho preferido. Por exemplo, Miroslav Petrusek (1936-2012), o proeminente sociólogo tcheco falecido recentemente, foi um representante típico da sociologia localmente direcionada. Ainda que conhecesse intimamente a sociolo-

gia mundial e suas tendências (lia e falava muitos idiomas), ele escreveu quase que exclusivamente em tcheco (e às vezes em polonês ou russo). Suas atividades acadêmicas tiveram forte impacto na academia tcheca e, uma vez que seus textos influenciaram a percepção pública sobre a disciplina, influenciaram também a posição da sociologia na sociedade mais ampla. Por outro lado, Jiří Musil (1928-2012), um sociólogo urbano internacionalmente reconhecido, era mais influente na comunidade internacional do que na local, tendo presidido a Associação Sociológica Europeia de 1998 a 2001².

Mas o que já foi um problema de preferência pessoal ou uma escolha fatídica não o é mais, hoje em dia. A cultura da avaliação e da competição conhece apenas um tipo de sociologia: a globalmente direcionada. Tudo o que se dirige a debates locais é considerado medíocre. Representantes da sociologia localmente direcionada raramente recebem financiamento para suas pesquisas e não alcançam posições acadêmicas em virtude de seu impacto internacional insuficiente. Assim, é irracional para os sociólogos na República Tcheca escrever um bom manual em tcheco; longe de fortalecer sua reputação, a atitude seria considerada um sinal de que o autor abandonou sua carreira de pesquisador internacional. Consequentemente, os estudantes tchecos aprendem com manuais globais como o de Giddens, que se concentram em como a sociedade funciona no Reino Unido ou nos Estados Unidos; essas sociedades servem como modelos para entender todas as situações locais. Novos termos sociológicos são introduzidos na comunidade local por tradutores, não por acadêmicos da área. O público local, também, acaba travando contato com a sociologia – e com a sociedade contemporânea – por meio das traduções de autores globais, cujos livros recobrem a situação local apenas marginalmente, se é o que o fazem.

A cultura da avaliação e da competição privilegia a pesquisa direcionada globalmente em detrimento da sociologia direcionada localmente. Se a excelência científica é definida como sendo o reconhecimento por uma comunidade acadêmica global, a maioria dos acadêmicos se dedicará a publicar em inglês, exatamente o que a maior parte dos sociólogos jovens e ambiciosos da República Tcheca fazem hoje: seus melhores trabalhos são publicados em inglês em periódicos globais.

Não estou sugerindo que a sociologia nacional ou localmente direcionada seja mais importante do que a pesquisa direcionada globalmente (ou internacional). Em muitos casos (ousaria eu dizer: na maioria?), as pesquisas direcionadas localmente são de qualidade mediana. No entanto, é através delas que uma comunidade acadêmica linguisticamente pequena reflete a situação local e comunica ideias a estudantes e ao público em geral. No contexto das pressões para publicar globalmente, o esforço da sociologia acadêmica para se envolver com o público local tende a ser rebaixado ao status de mera “divulgação de resultados”, uma atividade que não é considerada “fazer ciência”. A sociologia direcionada globalmente perpetua a ideia de que a sociedade global transcende a local, levando os fenômenos que ocorrem localmente a serem considerados nada mais do que ocorrências de processos globais. ■

Correspondências devem ser enviadas para:
Martin Hájek
<hajek@fsv.cuni.cz>

¹ Ver, por exemplo, Holmwood, J. (2010) “Sociology’s misfortune: disciplines, interdisciplinarity and the impact of audit culture.” *The British Journal of Sociology*, 61(4), 639-658.

² Olhando para a sociedade tcheca de uma perspectiva mais ampla, as figuras científicas, artísticas ou políticas do passado foram, também, localmente ou globalmente direcionadas. Vem à mente um par bem conhecido de compositores tchecos, Bedřich Smetana (1824-1884) e Antonín Dvořák (1841-1904); o primeiro aclamado principalmente em terras tchecas, o segundo apreciado globalmente.

> A precariedade da sociologia

Notas de terras tchecas

por **Filip Vostal**, Universidade Charles e Academia de Ciências, República Tcheca



Ato de equilíbrio da sociologia – amarrada, mas ainda capaz de andar, caso for precária.

A palavra precária descreve, muitas vezes, uma condição que “não é forte, segura ou estável.” Todos os três momentos contidos no termo precário transmitem adequadamente as características significativas da sociologia contemporânea. Em primeiro lugar, a precariedade da sociologia reflete as *tendências sociais-tecnológicas* mais amplas que remodelam a produção do conhecimento sociológico. Em segundo lugar, considerando-se a transformação da academia sob a hegemonia neoliberal, a sociologia é cada vez mais uma *disciplina precária*. Em terceiro lugar, o termo pode ser usado para descrever o *objeto de análise* da sociologia: um mundo social que é instável e extraordinário. Enquanto os debates internacionais podem observar esses aspectos da disciplina, manifestações e tensões locais, regionais e “provinciais” são muitas vezes negligenciadas. Este ensaio, portanto, discute alguns desenvolvimentos globais mais amplos em relação ao contexto tcheco.

Vamos começar com a dimensão interna da sociologia. Sem dúvida, um dos desafios fundamentais para a sociologia do século 21 irá envolver novos métodos de coleta de dados e as respostas da sociologia para novas infraestrutu-

ras informáticas, digitais e de *software*. Métodos empíricos tradicionais (como pesquisa e entrevista) são agora desafiados pela habilidade dos atores (muitas vezes privados) de agregar, classificar e analisar de forma rápida conjuntos imensos de dados transacionais. Os conjuntos de dados sem precedentes em tamanho e escopo (*big data*), as técnicas digitais de coleta de dados e monitoramento de mídias sociais e a intensificação associada desafiam não apenas os instrumentos metodológicos, mas também podem afetar a teorização sociológica. Podemos ainda considerar “o social” uma categoria explicativa para todos os fins? Deve a teorização dar espaço tanto para o digital quanto para o biológico/humano? Para o religioso e o secular? Para o universal e as dimensões singulares/particulares da vida social? A sociologia agora examina estruturas sociais e divisões relativamente estáveis, bem como “estados de exceção,” esferas fluidas e redes em mutação; ao lado de tradicionais categorias de classe, gênero, nacionalidade e etnia, a teorização social atualmente acomoda emergências, acidentes, riscos, aglomerados e sensações. Tradicionalmente, a sociologia exige distância temporal e espacial da sociedade a fim de compreendê-la, mas algumas correntes teóricas contemporâneas também espelham – talvez incorporem e adotem – tendências da vida social do século XXI mais amplas e mesmo específicas deste período: volatilidade, “confusão” e aceleração.

A precariedade da sociologia às vezes se manifesta como um conflito entre o desafio digital e práticas sociológicas locais – frequentemente não digitais –, que operam em diferentes tempos e ritmos. Algumas modalidades (empíricas e teóricas) resistem ao desafio digital; por exemplo, o enraizamento local / regional da sociologia, um atributo caracterizado frequentemente por *path dependencies* intelectuais e as histórias situadas de sociologias nacionais. Michael Saward sugere que teorias “lentas” envolvem “consideração próxima e atenção às particularidades e cultura, refletindo sobre os valores locais e habituais, e levando em conta a gama de opiniões e julgamentos,” abraçando “a produção

de conhecimentos *situados*”. Situada e indiscutivelmente “mais lenta” (no sentido de que *levam tempo*), observações etnográficas e antropológicas podem estar em desacordo com o imperativo de digitalização-e-aceleração. A sociologia tcheca, como muitas sociologias locais, provavelmente ficará presa entre o seu “caráter distintivo da localidade” interno e o desenvolvimento historicamente condicionado, por um lado, e influências intelectuais vindas de outros lugares, bem como os desenvolvimentos digitais e tendências de infraestrutura de caráter supranacional, por outro lado.

Mas talvez a precariedade mais premente que a sociologia encara atualmente decorre das condições externas que moldam a sua reprodução. A ideologia de mercado, a mercantilização e a governança corporativa enfraquecem a vida acadêmica em todo o mundo. Essas realidades têm implicações preocupantes, mas desigualmente distribuídas, para acadêmicos individuais: aumento do estresse, exaustão e desconforto psicológico. Observadores notam mudanças em todos os lugares no tempo acadêmico – e em suas dimensões culturais, estruturais e experienciais –, bem como as pressões sobre o pensamento crítico dentro da sociologia. Contextos anglo-americanos permanecem “laboratórios” importantes para explorar o impacto das mudanças neoliberais sobre a estrutura temporal da academia, mas a mudança gradual para uma “fábrica do conhecimento” cada vez mais empresarial é de fato evidente em outras partes do mundo também (incluindo a academia tcheca).

No entanto, quando eu converso com colegas no Reino Unido, por exemplo, a situação atual – tanto em termos de condições de trabalho e de tempo relativo e espaço para leitura, escrita e pesquisa – ainda parece diferente da academia tcheca. De fato, apesar de alguma retórica notória – excelência, inovação, competitividade global, economia baseada no conhecimento – que assola o espaço de política pública da academia tcheca, nosso sistema ainda permanece relativamente distante da realidade acadêmica retratada nos romances de campus americanos ou britânicos, como *Fight for Your Long Day or Crump*. Apesar do modelo *überneoliberal* adotado pela classe política tcheca, e apesar das repetidas tentativas de “domar” a academia tcheca e aplicar os princípios da mercantilização, a academia tcheca ainda resiste à ideologia implacável dos negócios que estrutura suas contrapartes em outros lugares. As duras críticas do filósofo austríaco Konrad P. Liessmann sobre as mudanças

atuais, na academia e nas humanas, têm sido amplamente ecoadas por acadêmicos tchecos e gestores acadêmicos, e quando o historiador Howard Hotson, um dos maiores críticos da reforma universitária da Grã-Bretanha, falou para o público tcheco, suas conclusões eram endossadas sem reservas por representantes de universidades tchecas e da Academia de Ciências. Uma corajosa nova academia mercantilizada pode enfrentar desafios aqui na Europa Central (pelo menos por enquanto).

Mesmo com a resistência local, é claro, as tendências neoliberais que envolvem as academias em todo o mundo podem reformular as sociologias locais e regionais. No entanto, essas pressões vêm justamente em um momento em que o mundo social do século XXI adquiriu níveis de complexidade e fragmentação que exigem novas teorias, bem como análises rigorosas de como cataclismos da “modernidade capitalista global” acontecem localmente (e vice-versa, ou seja, como as questões locais “tornam-se globais”). Na atual conjuntura, precisamos de uma espécie de sociologia para descrever, explicar e fazer algo a respeito dessa modernidade.

O terceiro tipo de precariedade pode ainda ajudar a sociologia a enfrentar esse desafio. O questionamento e interrogatório perpétuos da realidade social continuam a ser pré-requisitos essenciais de qualquer modo “positivo” ou interpretativo de investigação. Além disso, fenômenos, processos, ideologias, instituições e relações sociais devem ser continuamente desnaturalizados, como objetos para explicação e crítica. O sociólogo tcheco Miloslav Petrusek (1936-2012) dedicou especial atenção à ligação entre a literatura, a arte e sociologia, sugerindo que a literatura pode servir como testemunho diferente sobre a sociedade. A sociologia permanece convincente como uma empreitada inerentemente interdisciplinar, articulando com as humanidades e a literatura; e, ao mesmo tempo, a sociologia também é uma “ciência normal”, com seus paradigmas e base institucional. É essa instabilidade intermediária que sempre caracterizou a sociologia como uma disciplina específica iluminando as surpresas e enigmas que permeiam o mundo social. ■

Correspondências devem ser enviadas para: Filip Vostal
<filip.vostal@gmail.com>

> A equipe árabe da Diálogo Global

por **Mounir Saidani**, Universidade de El Manar, Tunísia

No final de fevereiro de 2011, Sari Hanafi escreveu-me por email perguntando se eu poderia ajudá-lo a encontrar tradutores para a versão em árabe da Diálogo Global. Encarei isso como uma das consequências felizes da Revolução da Tunísia, apenas algumas semanas após a queda de Zein Al-Dine Ben Ali. No entanto, questioneimei-me se meu inglês seria bom o suficiente para fazê-lo eu mesmo. Minhas tentativas de encontrar tradutores falharam, então resolvi fazer por conta própria, mesmo que a partir da versão em francês que já estava disponível no site da ISA. Na edição seguinte, três meses depois, decidi fazer o trabalho traduzindo diretamente do inglês para o árabe, o que tenho feito desde então, com a ajuda amigável de Sari. Anuncio cada nova edição em minha página no Facebook, de modo que os sociólogos árabes fiquem sabendo da *Diálogo Global* em árabe. Meu inglês está melhorando e a tradução mata minha sede de conhecimento sociológico, por meio do acesso a um amplo escopo de textos e referências do mundo inteiro. Tem sido muito instrutivo traduzir experiências de campo de todo o mundo, aprender sobre novas abordagens teóricas e travar contato com o que há de mais atual em pesquisa sociológica. Assim, eu aprendo muito enquanto traduzo a *Diálogo Global* para o árabe. O encontro das Associações Nacionais de Sociologia em Ankara, em 2013, foi uma ótima oportunidade para conhecer alguns dos tradutores da *Diálogo Global* de outros países. Tenho muito orgulho de fazer parte dessa experiência maravilhosa. E agora sinto-me encorajado a publicar mais dos meus trabalhos em inglês, outro presente que recebi de nossa revista. ■



Mounir Saidani é, desde 2012, professor associado do Departamento de Sociologia do Alto Instituto de Ciências Humanas da Universidade El Manar, na Tunísia. De 2000 a 2012, ensinou Sociologia na Universidade de Sfax, Tunísia. Antes disso, foi professor de francês em uma escola secundária por dezoito anos. Seus interesses de pesquisa e publicações tratam de sociologia da cultura, da arte e do conhecimento, desde o ponto de vista da mudança social. Publicou sete livros sobre esses temas (em árabe). É membro do laboratório pluridisciplinar sobre Iluminismo, Modernidade e Diversidade Cultural do Alto Instituto de Ciências



Sari Hanafi é atualmente professor de Sociologia da Universidade Americana de Beirute e editor da revista em árabe Idafat: A Revista Árabe de Sociologia. Foi eleito Vice-Presidente de Associações Nacionais da ISA no Congresso Mundial de Yokohama, em 2014. Também é membro do Conselho Árabe de Ciências Sociais. É autor de vários artigos e capítulos de livros sobre a diáspora e os refugiados palestinos; sociologia da migração; política de pesquisa científica; sociedade civil, formação de elites e justiça de transição. Alguns de seus livros recentes são: *UNRWA and Palestinian Refugees: From Relief and Works to Human Development* (editado com L. Takkenberg e L. Hilal, 2014); *The Power of Inclusive Exclusion: Anatomy of Israeli Rule in the Occupied Palestinian Territories* (editado com A. Ophir e M. Givoni, 2009, em inglês e em árabe). Seu próximo livro é *Arab Research and Knowledge Society: The Impossible Promise* (com Rigas Arvanitis).